UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

DANIELE LIMA SANTANA

A LITERATURA COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA NO PROCESSO DE LEITURA E FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MARIA RITA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Marabá/PA
2020

DANIELE LIMA SANTANA

A LITERATURA COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA NO PROCESSO DE LEITURA E FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MARIA RITA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito final para a obtenção de graduação em Licenciatura em Educação do Campo, ênfase Letras e Linguagens, ao Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Orientadora: Profª. Dra. Maura Pereira dos Anjos

Marabá/PA
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Santana, Daniele Lima

A literatura como prática significativa no processo de leitura e formação dos estudantes da Escola Maria Rita no Ensino Fundamental II / Daniele Lima Santana ; orientadora, Maura Pereira dos Anjos. — Marabá : [s. n.], 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2020.

1. Literatura – Estudo e ensino - São João do Araguaia (PA). 2. Incentivo à leitura. 3. Educação rural. 4. Avaliação educacional. I. Anjos, Maura Pereira dos, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 807

Elaborada por Adriana Barbosa da Costa - CRB2/391

DANIELE LIMA SANTANA

A LITERATURA COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA NO PROCESSO DE LEITURA E FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MARIA RITA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito final para a obtenção de graduação em Licenciatura em Educação do Campo, ênfase Letras e Linguagens, ao Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Defesa realizada virtualmente em 15 de setembro de 2020 Conceito: Bom

Banca Examinadora:

Prof.ª Dra. Maura Pereira dos Anjos - Orientadora
Faculdade de Educação do Campo – UNIFESSPA

Prof.ª Msc. Ailce Margarida Negueiros Alves - Examinadora
Faculdade de Educação do Campo – UNIFESSPA

Prof.ª Dra. Cristiane Vieira Cunha - Examinadora
Faculdade de Educação do Campo – UNIFESSPA

Marabá/PA
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida;

Em especial, aos meus pais, Antônio Clésio de Souza Santana e Edna Maria de Souza Lima e aos meus irmãos, que me apoiaram incondicionalmente.

E a todos que me apoiaram ao longo desse percurso, professores e estudantes, na escola e na Fecampo/Unifesspa, por todo apoio, compreensão e incentivo que tornaram possível a conclusão dessa pesquisa como Trabalho de Conclusão de Curso e que foram de suma importância na minha vida acadêmica durante a graduação em Licenciatura em Educação do Campo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, pelos conhecimentos compartilhados e pelos valores do trabalho coletivo, trabalho e ética que orienta seus princípios.

A Prof.ª Dra. Edimara Ferreira Santos, que me orientou em todo o processo de elaboração deste trabalho, por me proporcionar conhecimento não apenas racional, mas afetivo nesse processo de formação, e por ter dedicado seu tempo a mim. A palavra mestre nunca fará jus a professores dedicados como ela, os quais sempre terão meus eternos agradecimentos.

A minha orientadora Prof.ª Dra. Maura Pereira dos Anjos, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Não posso deixar de agradecer de forma sincera e grandiosa aos meus pais, Edna e Clézio, a quem eu agradeço todas as noites a minha existência.

Ao meu filho Diego Lohan, que teve a paciência de conviver com minha ausência, certo do meu amor, me iluminando de maneira especial com seu pensamento positivo me enchendo de forças.

A cada criança que passou pelo meu caminho, levando um pouco de mim e deixando muito de si.

Aos meus queridos amigos que me apoiaram e me incentivaram nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigada.

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra”! (Freire)

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LPEC - Licenciatura Plena em Educação do Campo

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

FECAMPO - Faculdade de Educação do Campo

UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

CHS - Ciências Humanas e Sociais

LL - Letras e Linguagem

MAT - Matemática

CAN - Ciências Agrárias e Naturais

PA - Projeto de assentamento

EJA - Educação de Jovens e Adultos

SOME - Sistema de Organização Modular de Ensino

PDE - Plano de Desenvolvimento da Escola

PAF - Plano de Ações Financiadas

PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola

PNATE - Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar

MEC - Ministério da Educação.

E.M.E.F - Escola Municipal de Ensino Fundamental

STTRs - Sindicatos de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

CPT - Comissão Pastoral da Terra

FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

FETAGRI - Federação dos Trabalhadores na Agricultura

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

PPP - Projeto Político Pedagógico

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização do PA Pimenteira.....15
Figura 02: Croqui da Vila Ponta de Pedras.....19
Figura 03: Momento de fé e religiosidade.....23
Figura 04: Sede da fazenda em que funcionava como escola.....24
Figura 05: Escola Maria Rita.....25
Figura 06: Primeira atividade em sala.....48
Figura 07: Apresentamos aos alunos vários estilos de textos literários.....53
Figura 08: primeiros rascunhos dos alunos em forma de poesia.....55
Figura 09: O valor da primeira escrita.....57
Figura 10: A poesia como forma de expressão.....59
Figura 11: Culminância do projeto Sarau Literário.....61

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa-ação sobre o ensino de literatura no ensino fundamental. A pesquisa-ação constituiu a metodologia porque a reflexão foi constituída a partir das ações desenvolvidas ao longo do Projeto de Iniciação à Docência para a Diversidade – PIBID Diversidade. A escolha do tema e do problema do ensino de literatura na formação dos estudantes foi delimitado pelo trabalho realizado em turmas do ensino fundamental II na E.M.E.F Maria Rita, da rede municipal de São João do Araguaia no estado do Pará. Propomos investigar como o ensino de literatura é visto/proposto em uma escola do/no campo, e que contribuições significativas a literatura pode oferecer aos estudantes no processo de ensino-aprendizagem. Selecionamos como recorte analítico momentos vivenciados no ensino com os professores de Língua Portuguesa no trabalho com a Literatura nestes espaços e como influenciam e direcionam seus estudantes no estudo da mesma, por meio de observação participante, e com entrevistas semiestruturadas com estudantes, familiares e funcionários da referida escola. O referencial teórico para a constituição do trabalho foram: Lajolo (2007); Lajolo e Zilberman (1984; 1982; (2005), Coutinho (1975), Freire (1987; 1998; 1997) e Ribeiro e Costa (2014). Buscou-se analisar o papel da literatura no no cotidiano escolar e sua contribuição na formação dos estudantes do ensino fundamental e na formação de professores do campo.

Palavras-chave: Práticas de leitura; Literatura; e Escola do Campo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I - VILA PONTA DE PEDRAS: O LUGAR DA PESQUISA.....15

1.1. - A origem da comunidade.....16

1.2- Infraestrutura da comunidade.....22

1.3 - Práticas culturais.....22

1.4 - Educação na comunidade.....23

1.5 - Escola Maria Rita.....24

1.6 - Corpo discente.....27

1.7- Práticas pedagógicas propostas a partir do Subprojeto Pibid Diversidade na formação da Licenciatura em Educação do Campo.....28

CAPÍTULO II - O ENSINO DE LITERATURA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....31

2.1. O QUE É LITERATURA?.....31

2.1.1 O ENSINO DE LITERATURA.....32

2.2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.....37

2.2.1.O lugar da área de Letras e Linguagens na Educação do Campo.....40

CAPÍTULO III - 3. A LITERATURA NA ESCOLA MARIA RITA E NA COMUNIDADE PONTA DE PEDRAS: ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS LITERÁRIOS 42

3.1 - PARA QUE SUJEITOS ESSE PROJETO FOI PENSADO?.....42

3.2 - ESTRATÉGIAS DE ENSINO: POESIA NA SALA DE AULA.....47

3.2.1- Resultados e análise das poesias dos alunos.....55

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....62

REFERÊNCIAS.....64

ANEXOS.....65

INTRODUÇÃO

O motivo norteador da presente pesquisa decorreu, de indagações e experiências vivenciadas durante os estágios realizados na Escola de Ensino Fundamental Maria Rita, localizada na Vila Ponta de Pedra, município de São João do Araguaia, as margens da Rodovia Transamazônica.

Propusemos como pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso, analisar o trabalho com a literatura na formação dos estudantes no ensino fundamental a partir da pesquisa-ação, nos propomos a registrar e analisar o ensino da literatura nas aulas de língua portuguesa.

A pesquisa-ação foi desenvolvida a partir da experiência anterior como bolsista, ação desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade (PIBID) Sub projeto PIBID Diversidade Educação do Campo Marabá/UFPA (2013-2016) com o plano de trabalho: Leitura e escrita, O projeto foi coordenado pela professora Maura Pereira dos Anjos até 2016, quando a mesma foi liberada para estudo do doutorado, e dado continuidade pela professora Maria Celia Silva.

O principal objetivo era promover a iniciação à docência dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo através de práticas educativas e problematizar o currículo dessas escolas no campo, nas diferentes áreas do conhecimento envolvendo professores, estudantes e a comunidade dos assentamentos na intenção de articular e fomentar práticas da Educação do Campo no sudeste do Pará. A atuação como bolsista foi de fundamental importância, pois integramos as atividades de estágios docência e a pesquisa socioeducacional realizadas nos Tempo –Comunidades do curso.

Quando estávamos atuando na iniciação â docência, acompanhando as ações em sala de aula e como parte do diagnóstico fizemos observação participante e podemos constatar que predomina na escola do campo a concepção tradicional de ensino e o livro didático é utilizado como principal material de leitura. O método da repetição e memorização e a cópia dos exercícios nos cadernos dos estudantes ainda é predominante.

Contudo, as atividades que mais atraíram a minha atenção, me deixando com o sentimento de inquietação e preocupação, foram as dificuldades que os professores de língua portuguesa tinham em inserir a Literatura como facilitadora da leitura e da interpretação dos estudantes.

Estudávamos sobre as possibilidades de que o uso da Literatura quando presente no cotidiano escolar pode colaborar no processo de alfabetização das crianças desde o

início e que a partir do momento que a criança entra em contato oral com o universo literário, já inicia o desenvolvimento das habilidades que a tornarão um leitor.

Acredita-se nesta investigação que o uso da Literatura no processo de aquisição da leitura e escrita produza na criança a curiosidade e a necessidade de ser um leitor, garantindo condições para que ela represente o mundo e a vida através das palavras, unindo a criatividade o prazer e a aprendizagem.

Impulsionadas por essas concepções, propomos o desenvolvimento de um projeto de leitura e escrita com base na Literatura para os estudantes do Ensino Fundamental II. Esse projeto correspondia também a minha área de formação na Licenciatura em Educação do Campo, Letras e Linguagens e visava atuar com os estudantes desta escola do campo desenvolvendo atividades didático-pedagógicas sob a orientação de um docente da área de atuação de Linguagens e da Coordenação pedagógica da mesma.

A pesquisa é uma intervenção que foi desenvolvida durante o estágio do curso de Licenciatura em Educação do Campo, na qual definimos incluir a literatura como proposta pedagógica, na perspectiva de demonstrar a poesia como um gênero que possibilita o processo de contato com a literatura; logo, esse contato do ensino de literatura vem no intuito de problematizar e contribuir para o ensino e a aprendizagem dos alunos.

Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, sistematizar os registros foram utilizados na realização deste trabalho, utilizando-se das narrativas de pessoas da comunidade através de entrevistas gravadas a partir da metodologia da história oral, que foram posteriormente transcritas. Utilizar-se de pesquisas socioeducacional produzidas por outros estudantes da Licenciatura realizadas em 2014 para produção do capítulo sobre a comunidade pesquisada.

O registro das atividades de planejamento, socialização com professores e coordenação na escola e na universidade e realização das atividades propostas no Projeto Literário. Dentre as atividades propostas no projeto havia um concurso de poesia, com poesias produzidas pelos estudantes; realização de um "Sarau Literário" para toda a comunidade do assentamento e confecção de um livro com as poesias produzidas pelos estudantes.

A estrutura desse trabalho analítico foi dividida em três capítulo. O primeiro capítulo **'Vila ponta de pedras: o lugar da pesquisa'** apresentamos a Vila do Assentamento Ponta de Pedra e os principais serviços públicos que os agricultores

constituíram a partir da luta pela terra, dentre eles, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Rita.

No segundo capítulo apresentamos nosso referencial teórico **'O ensino de literatura e a Educação do Campo'** no qual apresentamos os conceitos de literatura, ensino de literatura, Educação do campo e sobre qual o lugar da área de Letras e Linguagens na Educação do Campo, com apontamentos sobre as possibilidades do ensino da leitura na escola, o papel da escola e dos educadores neste processo e a contribuição cultural e social desse contexto.

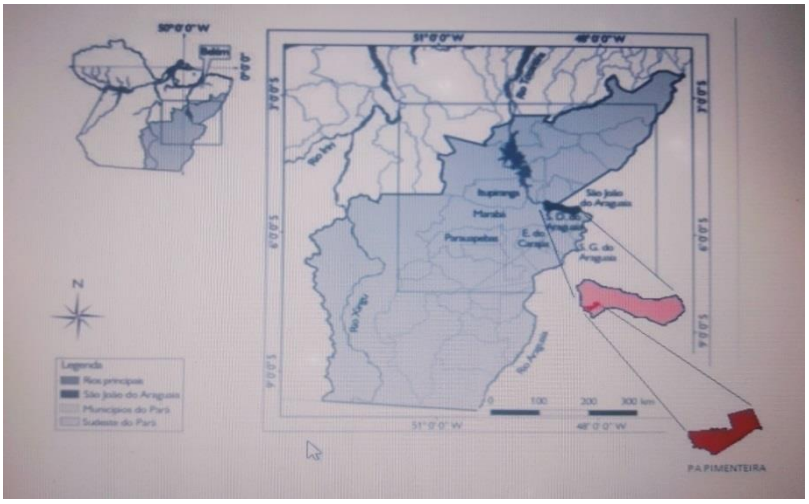
No terceiro capítulo apresentamos uma análise das ações realizadas no Projeto Literário, a partir do uso da poesia nas práticas pedagógicas desenvolvidas na referida escola. Neste capítulo, analisamos as práticas pedagógicas e a experiência da docência que foi objeto desse estudo; como uma análise sistemática dos resultados alcançados e buscando demonstrar de que maneira tais práticas contribuíram para esse processo de ensino-aprendizagem, e o quanto elas também constituíram minha iniciação á docência em uma escola do campo e sua importância significativa para o meu processo formativo enquanto professora.

1. VILA PONTA DE PEDRAS: O LUGAR DA PESQUISA

Neste capítulo, a intenção é apresentar o Assentamento Pimenteira, popularmente conhecido como Vila Ponta de Pedras em São João do Araguaia no Pará. Para isso, utilizamos as narrativas dos agricultores produzidas durante as pesquisas socioeducacionais e nas ações do Pibid Diversidade e também na consulta aos trabalhos de outros estudantes da Licenciatura em Educação do Campo.

O projeto de Assentamento Pimenteira está localizado no Sudeste paraense, inserido na parte oeste do município de São João do Araguaia, situado a uma distância de 29 km da sede, a 28,4 km da cidade de Marabá e a 526 km de Belém, capital do Estado do Pará. O principal acesso à área de estudo se dá pela Rodovia BR-230, denominada Rodovia Transamazônica, no sentindo Marabá –São Domingos do Araguaia, entrando à direita na altura do km 27, encontrando à frente, cerca de 300 metros, a Vila Ponta de Pedras, de onde partem as cinco vicinais[1] encontradas neste PA.

Figura 01: Localização do PA Pimenteira



Fonte: NAASE, 2010, com junção de dados obtidos em SERVTEC, 2010.

O PA Pimenteira ocupa uma área de 3.262,3991 hectares e tem como limites: ao norte, o PA Primavera do Araguaia; ao sul, o PA Veneza; a leste, o PA Primeiro de Março; e a oeste, o Rio Tauarizinho. O PA Pimenteira tem um perímetro de 32,3 km², dividido em 132 unidades familiares de que foi destinado um valor de aproximadamente 65.390,000R$ para a implantação da agrovila. (SERVTEC, 2010[2]).

[1] Vicinais: é a designação dada a algumas localidades ou povoações próximas que pertencem as cercanias e que não dispõem de asfaltamento, sendo muitas vezes intrafegáveis em determinadas épocas do ano.
[2] SERVTEC: empresa que implanta energia elétrica em comunidades, e que nos forneceu esses dados.

1.1. A origem da comunidade

A comunidade pesquisada é a vila que se constituiu a partir de três assentamentos: Pimenteira, Primavera e 04 de junho. Esses assentamentos foram originados da ocupação de uma grande fazenda, que possuía em torno de 800 alqueires de terra de apenas um dono, Sr. Paulo Mariano, conhecida como fazenda Ponta de Pedra.

A primeira tentativa de conquista da terra ocorreu em 1992 e uma segunda em 1994, ambas por grupos de posseiros, período do governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, quando a disputa por terra na região norte, principalmente no estado do Pará estava em plena ascensão, devido à migração interestadual e inter-regional de inúmeras famílias camponesas, em busca de uma vida melhor. Dentre os vários motivos da migração, destacam-se aqueles migrantes oriundos de quase todas as partes do país, que vieram para os garimpos, sendo o de Serra Pelada mais conhecido por sua abundância de ouro.

Com o fechamento do garimpo no final da década de 1980, muitas famílias não conseguiram se estabelecer e viram na luta pela terra uma alternativa para sua reprodução sociocultural, tendo em vista suas experiências e trajetórias de vida anteriores como camponeses. Para não voltar às suas regiões de origem de onde tinham sido expropriados da terra, devido à concentração fundiária e os conflitos agrários, uma das alternativas encontradas pelos agricultores foi se organizar em grupos para conseguir um pedaço de terra, através de ocupações em fazendas improdutivas, com indícios de trabalhos escravos, terras da união ou áreas que não possuíam documentação (PIBID/DIVERSIDADE[3]-2016).

No início, as pessoas que ocupavam essas terras eram identificadas como posseiros. Para Pereira (2008), posseiros era um grupo de pessoas que atuavam espontaneamente em busca de conquistar um pedaço de terra, sem apoio de órgãos ou instituições, aconteciam "espontaneamente", onde a presença e apoio do Sindicato e da Igreja aconteciam normalmente algum tempo depois, sobretudo, quando os posseiros[4] sofriam alguma ameaça por parte do pretenso dono da área.

[3] PIBID/DIVERSIDADE: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência; tem como objetivo o aperfeiçoamento da formação inicial de professores para o exercício da docência nas escolas indígenas e do campo.

[4] Posseiros são lavradores (agricultores) que, juntamente com a família, ocupam pequenas áreas de terras devolutas ou improdutivas, isto é, terras que não estão sendo utilizadas e que pertencem ao governo.

É importante enfatizar que os três assentamentos citados acima tiveram seus processos de conquistas em um período crucial para região sudeste do Pará, pois foi um momento onde ocorreu a construção de instâncias de representação e apoio aos camponeses. No campo da representação, a constituição ou retomada dos Sindicatos de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais (STTRs), a partir da década de 1980, constituiu um marco histórico. Sendo os Sindicatos Rurais um dos principais atores para a organização e consolidação da transformação da área de escravização de trabalhadores e uso compulsivo das riquezas florestais em moradias para essas famílias que necessitavam de lugar para morarem. Além disso o Sindicato tem papel fundamental na busca de encontrar a unidade de caracterização do posseiro e da luta pela terra para uso primordial do seu sustento.

A região do Araguaia foi marcada por momentos de conflitos entre situações de fronteiras, muitas vezes ocorrendo embate entre modos de vida diferenciados como capitalista e o não capitalista, desse modo, posseiros ficaram sujeitos aos riscos de perder não só o acesso eminente a terra, mas também suas vidas.

As terras onde hoje se encontra três assentamentos (Pimenteira, Primavera do Araguaia e 04 de Junho), que juntos formam a comunidade Ponta de Pedra, com uma média de 600 famílias assentadas, já foi uma grande fazenda que pertencia ao Senhor Paulo Mariano, oriundo do estado da Bahia, segundo relatos de pessoas que trabalharam nesta fazenda nela funcionava grandes carvoarias na qual utilizavam madeiras de espécies nativas utilizando o processo de corte e queima da floresta. Segundo relatos de pessoas que acompanharam esse processo as pessoas trabalhavam no sistema que imitava o trabalho escravo, onde o que conseguiam ganhar dava mal para pagar o alimento que pegavam na cantina da fazenda.

Era um lugar restrito, fortemente vigiado por pistoleiros com guarita na entrada o que facilitava os processos citados acima.

Na década de 1990, o Movimento dos Sem Terra (MST) chega e se organiza na região, fortalecendo a luta pela Reforma Agrária, que já era apoiada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), dentre outros. Além disso, em meados da década de 1990, cria-se no Movimento Sindical uma instância regional, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI).

A ocupação da área pelos agricultores e a conquista dos assentamentos teve seu ponto decisivo no início de 1997, ano em que se intensificaram os rumores que na fazenda existia um sistema de trabalho escravo contemporâneo, onde muitos dos trabalhadores geralmente de outros estados, ao terminarem suas empreitas, eram assassinados e seus corpos eram enterrados, queimados ou jogados no rio, assim trabalhavam, mas não recebiam seus direitos.

Um dos casos veio a público em 1996, e teve grande repercussão na região, o assassinato de um trabalhador conhecido como Sr. Raimundo, um homem que realizada o trabalho de "gato", isto é, empreitava o trabalho de roço de juquira[5]. Ele foi convidado pelo capataz da fazenda Ponta de Pedras para realizar um serviço, e desapareceu. Seu sumiço foi alardeado por sua esposa que posteriormente, a partir de contribuições de mediadores, conseguiu provas que este tinha sido assassinado dentro da fazenda e que seu corpo ainda se encontrava por lá. Diante dessa acusação, a polícia federal foi acionada e ao entrar na fazenda, encontrou os restos mortais do homem desaparecido. Foram presos dois dos pistoleiros e o dono da fazenda foi convocado a dar explicações para a justiça, o mesmo fugiu da fazenda. A notícia se alastrou, e em 1997, antigos trabalhadores e novos migrantes iniciaram o processo de ocupação e conquista da terra.

Ainda na época da constituição da fazenda Ponta de Pedra, a cobertura vegetal nativa da Floresta Amazônica estava em processo de conversão em pastagem, com a derrubadas das Castanheiras, que antes tinha sido exploradas a partir do extrativismo da castanha do Pará, para um processo efervescente de derrubada da floresta e transformação em carvão vegetal para manter as grandes siderúrgicas que iniciava seu processo de instalação nesta região, em sua maioria no município de Marabá/PA. Entre os 800 alqueires, muito da área já estava infestada com a cultura do capim, mas ainda não tinha sido alojada a criação de bovinos. Os agricultores conseguiram ocupar com algumas áreas de mata nativa.

O dono do latifúndio, Sr. Paulo Mariano, diante dos acontecimentos e da veracidade da morte de trabalhadores, por problemas relacionados à documentação da terra e por medo da ocupação da área por grupos dos movimentos sociais, casos que já tinham acontecido em áreas vizinhas, como Fazenda Ubá ocupada em 1984, Fazenda

[5] Juquira: Vegetação de porte baixo ou mato que nascem predominantemente em áreas abandonadas (campos de plantio e pastos)

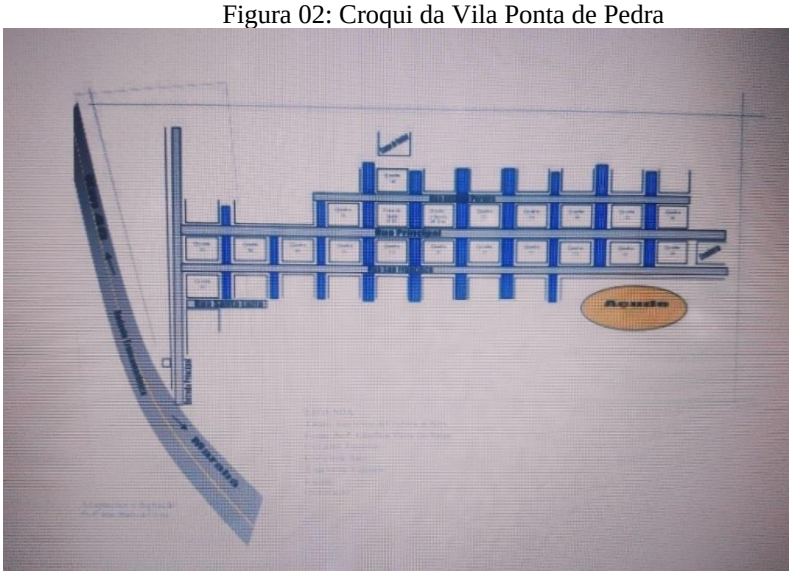
Pastoriza ocupada em março de 1997, o levou a procurar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) para realizar os procedimentos legais para desapropriação de sua fazenda.

Dentro das reivindicações do fazendeiro para desapropriação da área continha: incluir seus trabalhadores que já moravam na fazenda no cadastro para conseguir os lotes de terra e um lote para seu filho e outro para seu genro, ambos com áreas acima de 50 hectares. No entanto, o sindicato mobilizou os trabalhadores rurais e no dia 4 de junho de 1997 ocuparam a fazenda e montaram dois acampamentos, ficando acampados aproximadamente cerca de três anos em um processo de organização onde o trabalhador ficava quinze dias fora do acampamento, trabalhando para arrumar o sustento para ficarem os quinze dias dentro do mesmo.

No final de 1999 o INCRA autorizou a negociação para a desapropriação da área e em outubro deste mesmo ano realizou o sorteio dos lotes, onde todos os acampados sem distinção de acampamentos tinham o mesmo direito para conseguir seus lotes. Entre 1999 e 2001, todos os acampados já tinham saído dos acampamentos para morarem na agrovila que levou o nome da fazenda Ponta de Pedra ou para seus lotes rurais.

Abaixo a organização da Vila, já com uma ação dos agricultores:

Figura 02: Croqui da Vila Ponta de Pedra



Fonte: SANTOS, 2007.

Ressaltamos que a agrovila não foi algo opcional, mas de certa forma uma imposição do estado, pois seguiu um modelo que estava em adaptação nos projetos de assentamentos (modelo do governo federal da época), onde abocavam as pessoas e ao

mesmo tempo a educação, saúde, lazer etc. o mais perto possível uma da outra, formando assim as vilas ou agrovilas dentro dos assentamentos.

Como já arquitetado o sindicato mobilizou os trabalhadores rurais e no dia 4 de junho de 1997 ocuparam a fazenda e montaram dois acampamentos, linha um e linha dois. Ficaram acampados aproximadamente três anos em um processo de organização onde o trabalhador ficava quinze dias fora trabalhando para arrumar o sustento para ficar os quinze dias no acampamento. No final de 1999 o INCRA autoriza a negociação para a desapropriação da área, em outubro deste mesmo ano o INCRA veio realizar o sorteio dos lotes, onde todos os acampados sem distinção de acampamentos tinham o mesmo direito, voz e sorte para conseguirem seus lotes.

Entre 1999 e 2001, todos os acampados já tinham saído dos acampamentos para morarem na agrovila que levou o nome da fazenda "ponta de pedra" ou para seus lotes rurais. A agrovila não foi algo opcional, seguiu um modelo que estava em adaptação nos projetos de assentamentos (modelo do governo federal da época), onde abocavam as pessoas e ao mesmo tempo a educação, saúde, lazer etc. o mais perto possível uma da outra.

Não podemos deixar de relatar, também, que um dos atores principais para organização e consolidação da transformação da área de escravização de trabalhadores e uso compulsivo das riquezas florestais em moradias para famílias que peregrinavam em busca de um lugar para morarem foi a representação forte do STTRs, independente de quem encontrar-se à frente, este fato é reforçado quando um dos entrevistados afirma:

> Através do sindicato, através das famílias conseguimos conquistar essa terra, hoje são mais de 360 famílias assentadas e isso para nós foi uma conquista muito gratificante, por que aqui era uma área que era usada só pra escravizar os trabalhadores e depois de três anos de luta, de acampamento, de sofrimentos, nós conseguimos conquistar essa terra que foi pra nós uma das grandes conquistas dentro do assentamento e do município e através da conquista da terra podemos conquistar várias e várias outras coisas que hoje tem no nosso assentamento (Entrevista concedida por José Roberto, 2014).

O que ocorreu, foi a renovação da luta pela terra, sobressaindo determinadas estratégias, como acampamentos (em órgãos públicos, fazendas, beira de estrada) e negociação com o governo da pauta da Reforma Agrária. Mesmo com algumas dificuldades, devido o Estado está quase sempre do lado dos grandes latifundiários, os

STTRs continuaram se organizando, sempre com o objetivo de lutar pelos direitos dos pequenos agricultores.

Durante todo o processo de acampamento não teve o processo escolar, até mesmo porque a maioria das pessoas que participavam eram adultos, as crianças ficavam nos locais de origem com suas mães ou familiares. A E.M.E.F. Maria Rita, nome que homenageou uma acampada que veio a falecer durante o processo vítima de raio, só começou a funcionar em 2001, no casarão que era a sede da fazenda.

O local de moradia da família do fazendeiro era um grande casarão que foi utilizado pelos assentados até por volta de 2003, como centro de desenvolvimento das atividades na comunidade, funcionava as celebrações, missas, cultos, reuniões das associações, festas, festejos, posto de saúde, local de secar o arroz na lajem, local de encontro da comunidade principalmente por existir ali um dos principais pontos de aglomerações da comunidade, um dos únicos poços d'água que não secava, além da escola que era o principal meio de lazer e divertimento.

No início a escola contava apenas com três professores mantidos pelo governo do estado, pois o governante municipal não simpatizava com o modelo de atuação dos movimentos sociais e até então não tinha dado nenhum tipo apoio para os agora assentados, a escola funcionou no casarão de 2001 a 2003 da 1ª a 4ª série. Em meados de 2003 foi construída um grande espaço escolar em convênio entre sindicato, INCRA e governo federal, onde na época suportava todos os alunos dos assentamentos que forma a comunidade ponta de pedra e alunos de comunidades vizinhas.

Durante o período de acampamento os agricultores se reuniam nesse casarão que existia na fazenda, e que eles resolveram que seria a Escola. Mas a escola só começou a funcionar em 2001 neste casarão. Por volta do ano de 2003 foi construído o espaço escolar com apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o INCRA. Assim a escola se mudou e levou consigo muito do que se realizava no casarão, pois logo foi construído um posto de saúde, uma creche, igrejas e até mesmos os eventos que ali acontecia foram ganhando novos espaços, como clubes de festas, festejos juninos considerado um marco forte na comunidade passou a ser realizado na nova escola e assim foi acontecendo as transformações chegando ao ponto de hoje o casarão estar "abandonado", sem nenhuma atividade sendo desenvolvida.

1.2 - Infraestrutura da comunidade

A Vila Ponta de Pedra está situada nas proximidades da rodovia, possuindo no período da pesquisa aproximadamente 3.000 moradores, entre assentados e outras famílias que encontraram na vila um lugar para sobreviver.

Na vila temos a Escola Municipal de ensino Fundamental Maria Rita, escola na qual foi realizada nossa pesquisa e a seguir traremos mais informações da mesma, a escola oferece o ensino fundamental, EJA – Educação de Jovens e Adultos e cede ainda o espaço para a oferta do ensino médio, na modalidade Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME). Devido a demanda de alunos, foi construída uma nova escola com a mesma capacidade, tornando-se uma extensão da escola Maria Rita. Há também a Escola Municipal de Ensino Infantil Estrela do Futuro (Creche), que consegue atender todas as crianças da vila e das vicinais.

Há também um posto de saúde, uma quadra poliesportiva, um campo de futebol, cinco oficinas de motos, duas lanchonetes, três bares, uma padaria, seis igrejas protestantes, uma igreja católica, treze pequenas mercearias e três lojas de confecções.

Estima-se até o ano de 2017 em que conclui a pesquisa, a existência de cerca de quinhentas residências, em torno de 90% delas atendidas com sistema de abastecimento de água, e todas as residências da vila recebem fornecimento de energia elétrica. E cerca de 80% das ruas são calçadas, porém não possuem sistema de esgoto.

As atividades predominantes na subsistência e principais fontes de renda da população da vila são: as atividades agrícolas o extrativismo vegetal, caça, pesca, e os cargos de serviços públicos.

1.3 - Práticas culturais

As práticas culturais de uma localidade sempre unem mais a comunidade em si. Na vila Ponta de Pedras temos algumas práticas, ainda tímidas, mas constantes. Dentre elas, religiosidade do local é bem forte e temos festividades tanto dos católicos como dos evangélicos.

Há o Festejo de São Pedro, que ocorre no dia 29 de junho, essa festa é dos irmãos católicos.

Os evangélicos, também seus cultos e muitos momentos de lazer entre eles e também com a comunidade.

Figura 03: Momento de fé e religiosidade.

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Um dos movimentos mais importantes da comunidade é com certeza o aniversário da vila, comemorado tradicionalmente no dia 04 de junho, mas se inicia as comemorações duas semanas antes com torneios de futebol entre adolescentes, adultos, crianças e mulheres. Com culminância no dia 04 com programação que dura todo o dia e noite, com os seguintes momentos: café da manhã, cavalgada com premiações, festa dançante com cantores regionais que dura até o amanhecer.

1.4 Educação na comunidade

A conquista pela construção da escola que atende três assentamentos foi uma conquista desses posseiros, depois de muitas reivindicações ao poder legislativo daquele município, conseguiram um casarão que era a sede da fazenda de seu Paulo Mariano. Esse casarão era usado também para outras atividades como, missas, reuniões e etc. No início da escola contavam apenas com três professores que eram mantidos pelo governo do estado pois o governo municipal não simpatizava com o modelo de atuação dos movimentos sociais.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Rita foi criada no ano de 2001, fruto dessa conquista, na sede da fazenda. Tal nome foi uma homenagem à moradora Maria Rita que faleceu no acampamento em decorrência de uma descarga elétrica ocasionada por um raio. Os bancos eram de tábuas, os quadros de cimento grosso, as salas de aulas divididas apenas por tabuados construídos pelos próprios moradores e possuía poucos professores, conforme figura abaixo:

Figura 04: Sede da fazenda em que funcionava como escola

Fonte: RAMOS, 2014.

Esse processo durou de 2001 a junho de 2003, ocorrendo aulas da 1ª a 5ª séries. Os alunos ao passarem dessa série paravam de estudar ou continuavam seus estudos em casas de parentes nas cidades vizinhas, ocasionando problemas nas famílias por diminuírem a mão de obra no lote. Além disso, famílias eram obrigadas a venderem seus lotes para mudar para cidade no intuito de dar continuidade aos estudos dos seus filhos. "É complicado pra nós ter que se afastar dos fie porque nós num tem condição de morar na cidade. Daí nós manda eles pra casa de parente (Raquel Lacerda, 2017)." Isso atualmente foi sanado pois a rede escolar dispõe de transporte para locomoção desses estudantes para estudar o ensino médio na sede do município, e na própria vila também já é oferecido o ensino modular.

Por mais de três anos o assentamento ficou com a escola oficializada no papel já existente, porém ainda funcionando no casarão, sem prédio próprio com condições dignas. Conseguiram um prédio em 2002 em parceria do município com o Governo Federal, o mesmo foi finalizado em junho de 2003 e teve o início das aulas em agosto do mesmo ano.

1.5– Escola Maria Rita

A E.M.E.F Maria Rita foi fundada e entregue à população da Vila Ponta de Pedra, no município de São João do Araguaia em 30 de novembro de 2001. Está localizada no Projeto de assentamento Primavera do Araguaia – Vila Ponta de Pedra - Município de São João do Araguaia, Rodovia Transamazônica. Tendo como Unidade mantenedora a Secretaria Executiva de educação de São João do Araguaia.

Figura 05: Escola Maria Rita

Fonte: Registro da Pesquisadora, 2017.

A partir de 2014 foi implantado o Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE[6], que se constitui por um conjunto de ações pedagógicas não financiadas e outras financiadas pelo Plano de Ações Financiadas -PAF[7], objetivando a melhoria da qualidade do ensino. Em 2017 a escola foi contemplada pelos recursos financeiros federais do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, Água na Escola, Escola Sustentável, Mais Educação destinados a suprir as necessidades básicas da escola, através de parcelas anuais, administrados pelo Conselho Escolar e pela gestão da escola, projetos esses que vieram através do governo municipal.

Em 2017, a instituição ofertava as seguintes modalidades de ensino: 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação para Jovens e Adultos 1ª a 4ª Etapa (atendendo cerca de 720 estudantes). O seu espaço físico é cedido a SEDUC para o funcionamento de três turmas do Ensino Médio no período noturno.

Por ser a única instituição de ensino da vila para alocar um número grande de alunos localizados no local e região vizinha se fez necessário criar um novo prédio

[6]O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) foi um conjunto de programas que visaram melhorar a educação no Brasil, em todas as suas etapas. Lançado em 2007, tinha um prazo de quinze anos para ser completado, mas acabou descontinuado antes desse prazo. O plano se estrutura em cinco eixos principais: Educação Básica; Educação Superior; Educação Profissional, alfabetização e diversidade. O PDE define como suas razões constitutivas a melhoria da qualidade da Educação e a redução de desigualdades relativas às oportunidades educacionais – em outras palavras, o direito de aprender.

[7]No Plano de Ações Financiáveis – PAF deverão ser transcritas apenas as ações financiáveis com os recursos do PDE-Escola. Para cada meta que necessite de recursos do PDE-Escola a escola deverá fazer uma ficha onde será colocado todos esses dados.

escolar, uma extensão da E.M.E.F. Maria Rita localizado dentro da própria vila, sendo então as turmas divididas da seguinte forma:

O espaço físico escolar que comporta os alunos do 6º ao 9º ano em dois períodos de aula (manhã e tarde) e os alunos das etapas (período noturno) está dividida em sua planta oficial em 4 pavilhões com 21 repartições além de 1 quadra poliesportiva, 1 refeitório.

Em relação à estrutura física, podemos considerar que não é apropriado no que se refere a espaços pedagógicos e administrativos, por isso, necessita–se da aquisição de novas salas para a organização da direção, da coordenação e da sala de informática. A escola possui a seguinte estruturação:

I Pavilhão	4 salas de aula, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática em desuso.
II Pavilhão	1 secretaria que serve também como diretoria e coordenação, 2 almoxarifados, 1 banheiro sendo de uso para os funcionários, 1 sala de professores e 1 diretoria, sendo este espaço cedido para ser a sala multifuncional de apoio para alunos com necessidade especial.
III Pavilhão	1 cozinha, 1 despensa, 1 banheiro para os funcionários e 2 banheiros para alunos sendo um masculino e um feminino.
IV Pavilhão	2 salas e 1 banheiro. a proposta inicial é ser um alojamento para professores do Ensino Médio que lecionam no turno noturno no SOME (Sistema Modular de Ensino). (faça um quadro com essas informações)

Destacamos que parte desse público atendido reside nas vicinais dos assentamentos, por esse motivo, os estudantes são atendidos pela política do transporte escolar do governo federal, em convênio com a prefeitura através do Programa Nacional

de Apoio ao Transporte Escolar (PNATE). Os estudantes da rede municipal que residem nas vicinais dividem o transporte escolar com os estudantes atendidos pela rede estadual.

1.6- Corpo discente

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Rita acolhe os mais diversos alunos de toda região circunvizinha, muitos migrantes das mais variadas regiões do país como os estados do Maranhão e Ceará, compondo assim uma diversidade social, étnica, cultural e econômica bastante expressiva, com certa predominância do estado do Maranhão pois a maioria das pessoas da comunidade são oriundos de lá.

A Escola recebe alunos das vicinais de sua proximidade como do PA Pimenteira, PA Primavera do Araguaia, e PA Veneza. Por ser uma área de assentamento acolhe alunos oriundos de renda agropecuária, filhos de criadores de gado de pequeno porte, em sua maioria através da venda de leite. A maior parte do público alvo possui um poder aquisitivo baixo, com agravante de que o município não oferece tantas condições para que os jovens ingressem no mercado de trabalho formal, pois na comunidade as oportunidades de emprego que existe são as oferecidas pela prefeitura.

O número de alunos da escola era de aproximadamente 720 alunos, com idade entre 6 a 40 anos. Essa diferença de idade dos alunos se dá por alguns fatores: primeiro, os alunos mais velhos voltaram a estudar graças à modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA)[8], uma política pública que contribui para que os jovens e adultos estudassem e se formassem no ensino fundamental. O segundo ponto, é devido a clientela fazer parte de uma comunidade rural, muitas crianças entram tarde na escola e não tendo a idade permitida para estudarem a noite são inseridos nas turmas normais do 5º ao 9º ano. O fator maior de a escola abranger esta faixa etária tão ampla é o fato de ela ser a única escola da comunidade a ofertar o ensino que vai do fundamental a EJA e ceder espaço físico para o Ensino Médio.

[8]**Educação de Jovens e Adultos** - EJA é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da **Educação Básica** do país, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada. Permite que o aluno retome os estudos e os conclua em menos tempo e, dessa forma, possibilitando sua qualificação para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho. A **EJA** é ofertada tanto no ensino presencial, como à distância (EAD), com o objetivo principal de democratizar o ensino da rede pública no Brasil. Anteriormente, a EJA era conhecida como supletivo. Hoje, é o programa é dividido em etapas, com abrangência do ensino fundamental ao médio.

A escola era dividida em três turnos manhã, tarde e noite, distribuídos em turmas de primeiro a nono anos e também turmas da EJA. Com todas as disciplinas da grade curricular. A escola ainda não possui o PPC, cada professor monta seu planejamento a modo de trabalhar sua disciplina da melhor maneira com maior rendimento por parte dos estudantes.

Tabela 01. Distribuição de Turmas e Turnos

Segmento/Serie	Nº Turmas	Turnos	Hora
3º ano	1	Manhã	07:30 h ás11:30 h
6ºano	2	Manhã Tarde	07:30 h ás11:30 h 13:30 h às 17:30 h
7º ano	2	Manhã Tarde	07:30 h ás11:30 h 13:30 h às 17:30 h
9º ano	1	Tarde	13:30 às 17:30 h
1ª etapa	1	Noite	19:00hs às 22:45hs
2ª etapa	1	Noite	19:00h às 22:45hs
3ª etapa	1	Noite	19:00hs às 22:45hs
4ª etapa	1	Noite	19:00hs às 22:45hs

Fonte: Pesquisa de Campo, 2016.

1.7- Práticas pedagógicas propostas a partir do Subprojeto Pibid Diversidade na formação da Licenciatura em Educação do Campo

Em contraposição os métodos de alfabetização mecânicos centrados na repetição e memorização, que foram utilizados em grande parte da história da educação brasileira, projetamos levar para a escola Maria Rita, uma alfabetização ligada realmente à democratização da cultura, com a ação de criar atitudes que gerassem outras criações. Uma alfabetização na qual os seres humanos como capazes de desenvolver a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção. (FREIRE, 1980, p. 41).

Sendo assim, diante do contexto dinâmico e complexo vivenciado, partimos em busca de metodologias que fossem capazes de lidar com aquele cenário rural. Uma das metodologias que vem ganhando audiência em vários âmbitos de pesquisa é a metodologia da pesquisa-ação. No Brasil a pesquisa-ação foi conduzida principalmente pelo sociólogo Michel Thiollent. Segundo ele a pesquisa-ação é definida como:

> um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Através desse de pesquisa, que segundo Thiollent (2011) é um tipo de pesquisa social baseada nos conhecimentos empíricos, na qual os pesquisadores e participantes da situação ou problema envolvem-se de modo participativo. Ou seja, quando um grupo se propõe investigar uma problemática a princípio de observação com o objetivo de transformar e desempenhar um papel importante nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e nos demais participantes, não é constituída apenas pela ação ou pela participação, ela consiste em um modo de pesquisa que visa produzir conhecimentos, adquirir experiências e contribuir para melhorar a realidade a partir das questões observadas.

Outro tema destacado por Thiollent (2011) para a concepção da pesquisa é quanto ao lugar da teoria, a qual enfatiza que o papel da teoria consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes visando orientar a pesquisa e as interpretações (hipóteses). Nesse sentido fizemos um levantamento do nível de leitura de idade/série e procurando uma forma de em conjunto escola e pais proporcionar uma aceleração nesse processo de leitura e escrita no estudante que estava com dificuldade.

Definidos os objetivos e problemas a serem investigados, Thiollent (2011) aponta a técnica do seminário na qual constituímos grupos para conduzir a investigação e o conjunto do processo, dessa forma, apresentamos aos estudantes o contato com um formato de leitura através da literatura. Houve muita resistência e foi difícil aceitação no início, até mesmo por uma questão cultural deles passada em casa. Propomos e realizamos na escola um concurso de poesias autorais produzidas pelos estudantes e fizemos um Sarau Literário, com a culminância na semana da leitura para toda a comunidade.

Num momento seguinte, voltamos para sala de aula e dinamizamos o conhecimento adquirido com a experiência de se tornarem escritores, e constatamos que ficou visível um interesse maior pela leitura, por parte dos alunos. Apresentamos gêneros textuais; obras literárias e autores renomados de nossa literatura e até mesmo a comunidade local, procurando incentivar o interesse deles em todas as atividades, dando destaque para o melhor aluno de cada turma, incentivando os estudos e o reconhecimento estudantil.

Propomos a coordenação da escola e realizamos uma carta parabenizando-os pelo comportamento e notas, com destaque no mural da escola. Na metodologia da pesquisa-ação sempre é preciso problematizar o relacionamento que se estabelece entre a pesquisa, vendo o lado do dispositivo da investigação e a esfera da ação composta pelos participantes da situação a ser pesquisada agindo para a possibilidade de mudança. Longe do uso de métodos de alfabetização puramente mecânicos, aqueles que só ensina a ler e escrever, utilizamos o método criado por Freire que além da leitura e da escrita tem à preocupação com a realidade social do sujeito. Assim o sujeito passa a ser não mais o aprendiz da leitura e da escrita, mas o leitor do mundo e o escritor da vida encontrando novos valores e oportunidades para sua vida e a dos membros de sua comunidade. O conhecimento gerado na metodologia da pesquisa-ação é contextualizado de acordo com a situação enfrentada pelos participantes, sendo realizado antes de se propor uma solução, um mapeamento e delimitação do tema e de seu contexto, para então se proceder à elaboração de hipóteses e busca de soluções, com o principal papel de agir como um facilitador para a compreensão dos problemas vividos e da busca por possíveis soluções, no intuito de pôr em prática ações que terão o objetivo de mudar a situação problemática, fazendo com que os participantes retomem sua capacidade de sujeitos transformadores do contexto em que se inserem.

Sendo assim, descrevemos essa atividade como pesquisa-ação, tendo em vista nossa participação efetiva nas ações, com o propósito de construir conhecimentos sobre as práticas pedagógicas da Escola Maria Rita.

2. O ENSINO DE LITERATURA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Nesse capítulo o qual apresentamos o referencial teórico do nosso trabalho no qual, primeiramente apresentamos o conceito de literatura; depois procuramos traçar um debate teórico sobre o ensino de literatura. Em seguida, apresentamos a constituição da Licenciatura em Educação do Campo e o papel da ênfase da Língua e Linguagem na formação de professores para atuar nas escolas do campo

2.1. O QUE É LITERATURA?

O debate sobre o conceito de Literatura vem de longa data. Cada ano, cada década, cada século, o movimento sobre a definição do conceito de literatura ganha um novo significado, um novo sentido para responder à questão: O que é Literatura? No entanto, tal questão ganha outros contornos quando nos apoiamos nas ideias de Lajolo (2018), ao afirmar que:

> A literatura está sempre inovando, ganhando cara nova. A literatura hoje não é mais sempre e só artesanal, nem é produzida por umas poucas indústrias ou escrita por uns poucos escritores que têm o monopólio do mercado e da crítica. Hoje a literatura é produzida por uma indústria tão sofisticada quanto a indústria de alimentos, que oferece molho de tomate para todos os gostos, com coentro ou sem cebolinha, com pedaços grandes de tomate ou como creme homogeneizado (LOJOLO, 2018, p. 13).

Ou seja, a metáfora do molho de tomate estabelecida por Marisa Lajolo nos leva a pensar que, realmente, a Literatura, com "L" maiúsculo, não tem um conceito pronto, definido ou acabado, porque "a Literatura de hoje fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas; mas também fala de mundos muito diferentes, habitados por espíritos, anjos, vampiros, energias e demônios (LAJOLO, 2018, p. 14).

Ainda sobre esse debate de que não há uma definição única para literatura ou se é necessário defini-la que Lajolo (2018) aponta:

> Um texto literário não é como uma aranha que é aranha desde que nasce e para sempre, que foi aranha no Egito antigo, entre os índios do Arizona e continua a ser aranha nos cybercafés cariocas. Com um texto é diferente: pode ver a ser ou deixar de ser literatura ao longo do tempo.
>
> Por isso é muito mais divertido discutir literatura do que aranhas, leitora de fé! E discutir literatura é abrir os olhos e ouvidos, iniciar o tablet, olhar e ouvir em volta, ler livros, meditar sobre as frases pintadas a spray em muros e edifícios da cidade, e fazer a eles a pergunta: *o que é literatura?* Ou ligar o computador,

> navegar e perguntar às letras, graúdas ou miúdas, de uma ou de várias cores, que escorrem na tela, na horizontal e ou na vertical: *o que é literatura?* (LAJOLO, 2018, p. 19, *grifo da autora*).

Desta forma, a necessidade de definir ou não Literatura não nos cabe, porque vimos que é conforme o tempo, o espaço, a vivência, os saberes, os modos como ler o mundo de cada grupo social que implica na definição ou na compreensão do que é Literatura, com "L" maiúsculos, ou literaturas, com "l" minúsculos. Por outro lado, o importante aqui é perceber também como os novos olhares sobre o conceito de literatura implica na variada compreensão/interpretação do ensino de literatura nas escolas. Talvez, isso seja mais importante para nosso estudo do que ficar nesse impasse de quem considera o que é literatura ou não. No entanto, foi necessário abrir a discussão deste capítulo com esse debate porque, de certa forma, é através da tentativa de compreensão da questão "o que é literatura?" que os rumos do ensino de literatura ganharam/ganham sentidos.

2.1.1 O ENSINO DE LITERATURA

Ao nos referirmos o ensino de literatura no Brasil, percebemos que há uma ligação entre o ensinar a ler e a escrever como atribuições exclusivas das escolas. Recaem sob as escolas a responsabilidade de incentivar à leitura e a aprendizagem à escrita, incluindo a introdução à literatura. Além disso, recaem, exclusivamente, sob a responsabilidade dos professores de Língua Portuguesa esse compromisso de incentivar à leitura, à literatura e o ensino, bem como os problemas que envolvem esse universo, como menciona Zilberman (1988): "A responsabilidade pelo incentivo à leitura, incluindo-se aí a introdução à literatura e aprendizagem da escrita, bem como as maneiras mais adequadas de redigir e falar, cabe invariavelmente ao professor de Língua Portuguesa" (ZILBERMAN, 1988, p. 112).

Por outro lado, quando nos referimos à leitura, à literatura e o ensino, não podemos pensar que cabe apenas ao professor de Língua Portuguesa essa responsabilidade, pois tais categorias envolvem todas as disciplinas de uma escola, como a matemática, a geografia, a história, a ciência, a física, a química, entre outras. No entanto, vamos nos restringir ao professor da área de Língua Portuguesa porque quando envolvem o assunto de leitura e de literatura são eles que são automaticamente lembrados, então, não fugiremos às regras, por enquanto.

Ao tratarmos do ensino de literatura nas escolas e ao considerarmos as leituras que o envolve, é notório a percepção de que a leitura/literatura não está associada ao livro de ficção. O que percebemos uma valorização dos livros didáticos, como objeto de leitura/literatura, tanto nas séries iniciais quanto nas séries do ensino fundamental e médio, levando os alunos a conhecer fragmentos de poemas, de romances, de contos, de crônicas, de novelas, de autores da literatura nacional, desde os autores mais clássicos como José de Alencar e Machado de Assis; até o mais contemporâneos como Lima Barreto, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outros.

> O texto provém de uma obra literária, tomada integral, como um poema ou um conto, ou parcialmente, como um segmento de romance. Porém, ao ser transportado de uma situação a outra, ele assiste ao obscurecimento de sua origem – o livro de onde proveio, o patrimônio artístico e cultural a que pertencem. É o que permite ao livro didático tomar, diante do texto, liberdades consideradas descabidas se adotadas perante um objeto de arte. O texto, assim, representa a literatura já dessacralizada pelo ensino, mas, ao mesmo tempo, alvo de técnicas e atitudes que afastam progressivamente a ficção do seu suposto destino: ser consumida pelo ato individual [e coletiva] da leitura (ZILBERMAN, 1988, p. 112- 113).

Isso acontece porque o texto literário somente torna-se presente nas salas de aulas quando se torna instrumento de alguma atividade, seja de caráter gramatical ou de caráter interpretativo, mas nunca de leitura.

Além disso, as escolas estão inseridas em um sistema de ensino em que o lugar da literatura, como disciplina obrigatória nas aulas de Língua Portuguesa, está somente no ensino médio. Usa-se muito como preenchimento de carga horária, seguindo caminhos diferentes, quando os educadores apresentam apenas conteúdos exigidos nas provas de concursos e vestibulares, se prendendo apenas as datas, nomes de obras e biografias de autores, estudando apenas a historiografia literária.

Sabemos que o texto literário quando levado para sala de aula, muitas vezes, dependendo do mediador, é totalmente desprovido do real sentido, o que dificulta a compreensão de sentido para o aluno. Geralmente, é conduzido por preceitos pré-estabelecidos pelos manuais didáticos contendo um conjunto de acepções em que os professores são, de certa forma, engessados nesta forma de conduzir o ensino de literatura. Com esse modelo fica difícil apresentar à criança e aos jovens leitores um caminho satisfatório ou de uma compreensão que saia do nível textual para o nível da concepção social, política e cultural de leitura de mundo de cada um deles. O ideal é que haja interação, várias discussões e momentos em que o leitor tire suas próprias interpretações sobre o texto lido. Como nos aponta Cosson (2014), ao demonstrar caminhos

metodológicos atribuídos como “círculos de leitura”, tais como: “1º- o caráter social da interpretação dos textos; 2º- a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre pessoas; 3º- os círculos de leitura a possuem um caráter formativo” (COSSON, 2014, p. 139).

Acreditamos que para o progresso de um leitor literário, temos que considerar sua capacidade de envolvimento com o texto literário em suas diversas temáticas e estéticas, bem como aproximar este leitor a produção cultural de diferentes épocas, pois isso significa “a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público leitor” (ZILBERMAN e SILVA, 2005, p.112-3).

Além disso, são muitos os problemas enfrentados pelos futuros profissionais da área da educação, que envolvem a formação docente, e que por muitas vezes não permitem que eles usem de autonomia para desenvolver suas práticas e metodologias de trabalho. Desse modo, querer que tais professores sejam leitores literários competentes é algo a ser trabalhado com afinco, uma vez que as dificuldades para que se alcancem esse resultado são inúmeras. Às vezes, devido as tais dificuldades, ocorrem que os professores usam os textos literários em suas aulas como pretexto, como afirma Lajolo (1982).

> Habituou-se a ver os alunos como recipientes vazios que cumpria encher com informações da mais desencontrada natureza, todas elas periféricas ao fato literário?”(...) Lajolo destaca que (...) é do texto no contexto de sua produção, de sua circulação e de sua leitura que deve ocupar-se a escola, pois talvez os equívocos de trabalhos escolares com texto residam no apagamento desse contexto. É essa noção de contexto que permite recuperar a dimensão coletiva da escrita e da leitura, bem como é nela que se abrigam as diferentes leituras que um texto recebe ao longo de sua história, da história de seu autor e da história de seus leitores. Esse movimento de repetição de comportamento, sem levar o aluno a pensar sobre os textos literários, faz com que esses alunos se distanciam ou percam o interesse pela literatura. (Lajolo 2009; p.107-108).

Zilberman (1988) também entende que é preciso uma postura metodológica por parte dos envolvidos com o sistema educacional, de forma “que não se fundamente no endosso submisso da tradição, na repetição mecânica e sem critérios de conceitos desgastados, mas que deflagre o gosto e o prazer da leitura de textos” (ZILBERMAN, 1988, p. 44).

Pensamos ainda que muita coisa deve ser mudada na prática docente, segundo nossa experiência nos estágios de observação e nas demais experiências no campo da literatura, como veremos no capítulo seguinte. É necessário que haja um posicionamento por parte do professor para que contribua com a formação do aluno-leitor, pois como aponta Lajolo:

> Acredito que as experiências de leitura que a escola deve patrocinar precisam ter como objetivo capacitar os alunos para que, fora da escola, lidem competentemente com a imprevisibilidade das situações de leitura (no sentido amplo e no restrito da expressão) exigidas pela vida social. (LAJOLO, 2009; p.105)

Por isso, a literatura, enquanto disciplina, passou e passa permanentemente por mudanças no decorrer de décadas. Com isso, abre-se para o debate da existência de uma crise no ensino de literatura. Conforme Zilberman (2008) identificou uma crise no ensino de literatura, segundo a autora ocorre por conta de que este perdeu a eficácia pedagógica pretendida pela classe burguesa, em decorrência do projeto educacional elaborado nas últimas décadas do século XX, o qual pensava a escola como instituição formadora de mão de obra para abastecer novos postos de trabalho decorrentes do processo de industrialização. Ainda neste sentido, a autora relata que um dos sintomas dessa "crise" é a falta de leitura por parte dos estudantes e seu desconhecido do patrimônio literário nacional. Esse contexto tem esvaziado de sentido as aulas de literatura, onde a finalidade desse ensino na escola é posta em questão, por alunos e professores.

Algo que é forte nessa crise da literatura diz respeito a construção de um diálogo entre professor e aluno, pois não existe um processo de escuta por parte do professor. Esse cenário seria diferente se houvesse a prática de compreensão por parte deste docente, em que ele procuraria saber em que nível de conhecimento cada aluno se encontra; qual o repertório de que ele dispõe; a partir daí incentivá-lo a elevar seus saberes a um patamar mais alto e amplo, com mais informação.

Outro fato que se torna relevante apontar quando se fala dessa "crise na literatura", diz respeito às dificuldades que algumas escolas encontram para contratar professores da área da linguagem, levando a ter em determinado lugares professores de matemática dando aula de Língua Portuguesa ou vice e versa. Isso decorre, porque existe uma precariedade do ensino no Brasil que envolve uma questão política, social e econômica.

Para Barroco (2004), os professores devem ter formação específica para o ensino da leitura, pois só dessa forma conhecerão a importância do ato de ler e de como lecioná-lo, corrigindo algumas das suas práticas. Mesmo assim, existem também professores formados na área que não fazem da leitura um hábito e nem sentem prazer em ler, assim acostumam-se a trabalhar os mesmos textos repetidamente, pois " somos herdeiros de uma tradição educacional pobre e improvisada, a qual precisa ser o contesto de qualquer avaliação do que se tem feito ou dito até agora" (LAJOLO, 1993, p.22). Uma falha terrível,

pois eles são os responsáveis por introduzir esses estudantes no mundo da leitura. Segundo Lajolo (1993):

> O professor de Português deve dispor de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Ele deve ser usuário competente da modalidade culta da Língua Portuguesa. Deve-se, nesse sentido, ser uma espécie de poliglota: precisa dominar competentemente várias modalidades de linguagem de forma que, se disser *nóis vai* e se escrever *paçarinho*, irá fazê-lo por opção consciente e não por desconhecimento de outras opções.[...] O professor de Português deve estar familiarizado com a história do ensino da Língua Portuguesa no Brasil, com a história da alfabetização, da leitura e da literatura na escola brasileira. Pois só assim poderá perceber-se num processo que não começa nem se encerra nele, e poderá, no mesmo gesto, tanto dar sentido aos esforços dos educadores que o precederam, como ainda sinalizar o caminho dos que o sucederão.[...] No entanto, embora sua inclusão como disciplina no currículo de forma professores de primeiro grau e no de Letras que forma os professores desses professores, não vá, por si só produzir efeitos miraculosos, é importante: no dia-a-dia do currículo, iniciará o professor no estudo específico de um ramo da produção cultural que frequenta assiduamente suas classes (LAJOLO,1993, p. 22, *grifo da autora).*

Apesar de todos os problemas ainda se ensina literatura e existem inúmeros professores no Brasil que dispõe de competência, amor e dedicação à profissão que é desvalorizada, sempre reciclando seus conhecimentos e buscando novas formas de incluir o estudo dos textos literários em suas aulas. Afim de fazer com que a literatura chamada erudita deixe de ser privilégio de pequenos grupos, e que os produtos literários possam circular sem barreiras de forma igualitária. Mesmo sabendo que a situação no nosso país é dramática, pois a maioria da população é analfabeta e vive em condições que não permitem a leitura como um prazer.

Por um lado, professores de literatura que desejam ser democráticos, privam os alunos dos textos difíceis: os chamados cânones da literatura. Por outro lado, apresentar e trabalhar a literatura contemporânea para/com os alunos é uma forma de introduzi-lo ao universo de uma linguagem literária e temática mais próximas de suas realidades, pois "o texto literário é antes de qualquer leitura, um espaço plural, um espaço de confronto de linguagens e de memórias" (MAGNO, 2009, p. 02).

Dessa maneira, a leitura literária permite ao indivíduo descobrir-se em seu papel de interação com o texto. Para isso, a escola deve promover o "encontro" entre leitor e texto, permitindo que esse leitor se reconheça na obra, sinta que sua cultura pode estar vinculada com o texto lido. Sendo assim, para iniciar a formação do leitor, é importante oportunizar a leitura de textos literários próximos à sua realidade, pois quanto mais

familiaridade o texto despertar no leitor, mais haverá predisposição para a leitura, suas expectativas estarão sendo priorizadas em relação ao ensino da literatura.

Observa-se que muitos docentes têm estado acomodados em relação ao ato de ler e ao trabalho com as obras literárias. Ou seja, para formar leitores, é necessário que os professores também se transformem em indivíduos mais assíduos no ato de leitura. A emancipação dos leitores ocorrerá na medida em que o processo de leitura literária na escola seja visto como uma concepção de leitura que colabore de forma ativa com o processo de produção de sentidos e com a interação entre leitor e obra literária.

É notório que há um desinteresse pela literatura entre os alunos, isso acontece pelo despreparo de muitos professores quanto à abordagem da obra literária, pois não estão inserindo na sua prática, dinamismo e motivação capazes de ir ao encontro das aspirações dos alunos, problema que se arrasta por toda vida escolar.

Sendo assim, o professor de literatura deve ter como objetivo fundamental estabelecer um contato efetivo do estudante com o texto, selecionando obras literárias que estejam o mais próximo possível do que eles esperam, para expandir a leitura e a visão de mundo dos estudantes.

A participação dos estudantes na escolha dos textos a serem lidos e trabalhados seria o primeiro passo para o entrosamento com a obra literária. A partir do momento em que o professor começa a oferecer aos estudantes a oportunidade de fazer leituras de textos e obras realmente significativas do ponto de vista de seus conhecimentos prévios, pode-se então planejar alçar voos mais altos, ou seja, o professor de forma progressiva introduzirá uma literatura que seja mais aprofundada e abrangente, que desperte prazer.

Mediante isso, e também de forma paralela, é importante incentivar o estudante para ir além das leituras, experimentando também o ato de elaboração de seus próprios textos, incentivando-o a explorar sua criatividade, para que seja capaz de exercer o papel de escritor que o represente diante de si mesmo e do mundo.

2.2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Após reportar todo um cenário sobre o ensino de literatura, bem como o processo de incentivo à leitura, iremos agora apresentar qual é o lugar do ensino de literatura na Educação do Campo. Para isso foi necessário realizar primeiro um panorama histórico de como foi construído a Educação do Campo como curso, passando pelo o lugar das Letras

e Linguagens dentro curso até chegar como o ensino de literatura é visto no processo formativo da Educação do campo.

A Educação do Campo no Brasil tem como pauta principal a qualidade do ensino nas comunidades rurais. Como referência de organização os movimentos sociais do campo e carrega em sua luta valores ideológicos

Com essa compreensão e devido ao processo de exclusão escolar no campo muito presente, os sujeitos, particularmente, dos movimentos sociais organizados a partir das demandas provenientes da realidade do campo começaram a se articular, em meados de 1997, com movimentos que reivindicam um projeto de sociedade mais justo e com igualdade para todos, seja ele do campo ou não, e pela efetivação da reforma agrária como reconhecimento de que pertencem a um território ou precisam de um território para efetivar suas respectivas práticas socioculturais.

Entre essas reivindicações faz parte da nossa luta outros direitos sociais, como: moradia, saúde, saneamento, energia elétrica e, principalmente educação.

Assim, através dessas reivindicações e lutas nasce a educação do campo, da iniciativa dos movimentos sociais do campo, em especial o Movimento dos Sem Terra (MST).

Mais da metade das escolas brasileiras estão localizadas no meio rural e ainda há precariedade nesses espaços. Muitas vezes existem apenas uma sala de aula, agregando alunos de diferentes faixas etárias e organizada em turmas multisseriadas. As classes multisseriadas é uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries simultaneamente, tendo que atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes. Além disso, tem o problema de falta formação de quem ensina nessas escolas do campo, pois a maioria não possui formação adequada para trabalhar na sua área. Esses são alguns fatores que levam a se pensar em uma política de educação que forme pessoas do campo para trabalhar nesses espaços. Pois para isso não basta apenas construir escolas, mas trata-se de dar condições para que a população frequente e ali permaneça. Essa é a causa de nossa busca por qualidade na educação para os sujeitos do campo que visa não somente uma educação de qualidade no/do campo, mas, sobretudo, uma educação diferenciada que respeite o modo de vida dos sujeitos e saberes locais.

Uma das conquistas dessa luta, é o curso de Licenciatura Plena em Educação do campo (LPEC) que hoje tem atuação em todo o país, com oferta de vagas anual que visa

formar educadores capazes de suprir as demandas das escolas do/no campo e com uma formação voltada para a realidade desses espaços.

> A LPEC é um curso que tem em sua origem a preocupação com uma formação docente, cuja matriz curricular considera as diferentes territorialidades dos sujeitos do campo, ao mesmo tempo em que em seu delineamento curricular, potencializa os sujeitos em formação no sentido de construírem sua autonomia político-pedagógica para criar e recriar novos conhecimentos que favoreçam a compreensão crítica do mundo, para além dos processos de escolarização (RIBEIRO E COSTA, 2014, p.12).

O curso de Licenciatura em Educação do Campo, traz em sua bandeira de luta o objetivo de atender a demanda de inclusão social das comunidades rurais, com a expectativa de que a diversidade social brasileira seja contemplada no processo educacional. O curso também possibilita a seus estudantes a oportunidade de divulgar conhecimentos e resultados adquiridos através de pesquisas realizadas no Tempo Comunidade, que são movimentos de investigação orientados pelos docentes do curso para produção de conhecimento e que versem sobre a realidade da educação do/no campo, fazendo-se assim a alternância pedagógica, onde articula-se a teoria e a prática, numa relação de práxis num processo que se alterna a aprendizagem na Universidade com a prática nos espaços do campo.

> A alternância pedagógica permite materializar a ligação da universidade com a escola do campo, quebrar a dicotomia de tempos e espaços formativos, ou seja, a visão de que se eu estou no tempo universidade, eu estou estudando, e se eu estou no tempo comunidade, eu estou praticando. A alternância de tempos e espaços educativos pressupõe o exercício permanente da teoria e da prática, ou seja, o tempo escola é o tempo de estudo, mas é também o tempo de se praticar, de se pensar, de se testar, de se experimentar no sentido de experimentar teorias e métodos. (Maria Célia Vieira da Silva, Pibid Diversidade, 2016).

Assim a alternância pedagógica é uma importante estratégia para a escolarização dos sujeitos do campo, pois oportuniza esses sujeitos a dar continuidade aos estudos sem deixar os espaços que vivem, ou seja, as comunidades rurais.

As Diretrizes Operacionais para as Escolas do Campo estabelecem como um dos elementos fundamentais a organização das escolas, a elaboração e ou reelaboração da proposta pedagógica, juntamente com o Projeto Político Pedagógico elaborados no âmbito da autonomia das escolas do campo, contemplando a diversidade do campo e para o campo, bem como em todos os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos.

> A luta dos sujeitos do campo por um projeto de desenvolvimento passa pelo viés educativo, justamente porque os processos educativos, concebidos na sua relação inextrincável com o tralho, extraem deste as bases que lhes dão

> significado e significam, ao mesmo tempo, os sujeitos. Por isso mesmo, educação e trabalho são duas dimensões da ida intimamente ligadas e estão no computo das lutas dos sujeitos que produzem sua existência no campo e constroem, no interior de suas lutas, um projeto de educação (RIBEIRO e COSTA 2014, p.225-226).

No sudeste do Pará, a criação do curso de Licenciatura em Educação do Campo em 1999. A criação da Unifesspa em 2013, criou em sua estrutura a Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO). A Licenciatura foi construída a partir do acúmulo das experiências de formação em diversos cursos financiados pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).

O Pronera foi criado a partir da pressão dos povos destituídos de direitos, com a finalidade de minimizar a história de desigualdade no que se refere ao acesso à educação no Brasil. Programa que deu aos camponeses de todo o país a oportunidade de alcançar com sua própria luta o direito à educação. Não podemos esquecer dos massacres sangrentos ocorridos na nossa região que simbolizam as lutas de trabalhadores rurais por direito de subsistência.

A Licenciatura em Educação do Campo passou a ofertar, anualmente, turmas para professores que atuam no campo e agricultores residente das áreas rurais.

> O curso assume como princípios pedagógicos e éticos: a formação contextualizada; a realidade e as experiências das comunidades do campo como objeto de estudo e fonte de conhecimentos; a pesquisa como "princípio educativo"; a indissociabilidade teoria-prática; o planejamento e ação formativa integrada entre as áreas de conhecimento [interdisciplinaridade]; os educandos como sujeitos do conhecimento; e a produção acadêmica para a transformação da realidade (UNIFESSPA, 2014, p. 23).

A Unifesspa propõe as quatro áreas do conhecimento: Ciências Humanas e Sociais (CHS); Letras e Linguagem (LL); Matemática (MAT) e Ciências Agrárias e Naturais (CAN), para formar professores para atuar na Educação do/no Campo, dando prioridade aos sujeitos que vivem ou/e atuam em processos educativos vinculados ao campo, mas que ainda não são formados em nível superior, para atuar no ensino fundamental.

2.2.1. O lugar da área de Letras e Linguagens na Educação do Campo

Tomando a experiência do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa percebemos que dentro desta

organicidade de sua proposta pedagógica, o lugar da língua e da literatura está na área de conhecimento de Letras e Linguagens, onde essas disciplinas são trabalhadas de forma que a linguagem, assim como a literatura, seja vista como instrumento que leve os sujeitos a refletirem no seu papel dentro de uma comunidade, produzindo linguagem e sendo os mesmos constituídos por ela.

Como afirmam os autores Ribeiro e Costa (2014) que a partir dessa concepção de linguagem e de sujeito que a educação do campo nos traz, temos dois viés: por um lado um sujeito já dado, pronto e acabado, com sentidos e compreensão absoluta; por outro lado, um sujeito que apenas ocupa lugares já previamente dados pela sociedade, ou seja, um sujeito assujeitado.

Na proposta da Licenciatura em Educação do campo o lugar do ensino da literatura no processo formativo, espera-se fazer com que o sujeito tenha autonomia de ler-se para entender-se. Pois, entendendo seu mundo assim viverá melhor, ampliando sua visão em busca de produzir e transformar conhecimento para benefício das comunidades rurais, como afirma Lajolo (2008).

Ainda sobre essa relação entre o sujeito e a linguagem, Ribeiro e Costa (2014) afirmam que: (...) o sujeito e linguagem se constituem efetivamente na luta pelo sentido e o sentido não é um dado cristalizado, mas relativamente estável (...). (RIBEIRO E COSTA, 2014, p. 213). (...) visando a universalização do conhecimento; o respeito a ética e a diversidade étnica, cultural e biológica; o pluralismo de ideias e pensamentos; o ensino público e gratuito de qualidade; a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e o reconhecimento dos direitos humanos e conservação do meio ambiente. (PPC, 2014, FECAMPO, p. 1).

Baseada nos princípios pedagógicos do curso, pesquisamos de forma sucinta sobre como esse ensino de literatura é realizado em uma escola do campo. Fundamentados pelo movimento de ação-reflexão-ação, que nos foi proposto, afim de definirmos o objeto de estudo, em seguida partirmos para investigação e análise do mesmo, que será esmiuçado no terceiro capítulo deste trabalho.

3. A LITERATURA NA ESCOLA MARIA RITA E NA COMUNIDADE PONTA DE PEDRAS: ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS LITERÁRIOS.

Neste capítulo, analisamos a experiência com o ensino de literatura em uma escola do campo, que foi objeto de pesquisa deste trabalho. A pesquisa é uma intervenção que foi desenvolvida durante o estágio do curso de Licenciatura em Educação do Campo e nas atividades de iniciação à docência no Subprojeto Pibid Diversidade, na qual desenvolvemos o projeto com a literatura como proposta pedagógica, na perspectiva de demonstrar a poesia como um gênero que possibilita o processo de contato com a literatura.

Esse contato do ensino de literatura vem no intuito de problematizar e contribuir nas práticas pedagógicas da escola Municipal Maria Rita no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem dos alunos. A descrição da atividade que deu subsídios para a minha pesquisa e formação enquanto professora, em seguida apresento as análises das práticas pedagógicas realizadas.

3.1 Para que sujeitos esse projeto foi pensado?

Nesta pesquisa, participaram quarenta e dois estudantes do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano). As crianças puderam mostrar suas expectativas e desejos relativos à participação em atividades de leitura na escola e fora dela. Muitos deles enfatizaram que começaram a ler porque alguma pessoa com quem eles conviviam tinha indicado algum livro. Percebemos, portanto que a convivência com pessoas que gostam de literatura é uma boa "porta de entrada" para o universo literário. Sendo assim, quanto mais espaços de convivência com a literatura os estudantes tiverem, maior será a possibilidade de constituírem-se como leitores assíduos do texto literário.

> [...] Podemos, então, na colheita dos primeiros resultados e das primeiras perplexidades, tentar corrigir os rumos, procurando resgatar, no novo percurso, o já tantas vezes adiado projeto de democratização e qualificação da educação brasileira. (LAJOLO, 1994, p. 18).

Como afirma Lajolo e é um dos princípios da Educação do Campo, é a aproximação e o estudo da realidade e o conhecimento de conhecer a comunidade, a escola e os estudantes. O público atendido pela escola são filhos de agricultores

batalhadores que sempre lutaram por seus direitos a igualdade, e a um pedaço de terra para dali tirar seu sustento. Cada uma com sua experiência de vida e suas particularidades.

Conhecer e reconhecer quem são esses sujeitos, passa a ser uma questão de fundamental importância, pois eles serão o embrião da pesquisa durante todo o processo. Assim, quando re/conhecemos esses sujeitos, passamos a abrir nosso campo de visão, ampliando a base de sustentação para nossa pesquisa, onde eles também passam a contribuir com a mesma, a partir de suas experiências como sujeito social, político e cultural. E é neste sentido que trago, de modo geral, quem são os atores principais que participaram de forma incisiva, nesse processo formativo/educativo da escola Maria Rita.

Começamos nossa descrição pelos anos de 2015 e 2016, quando foi feita uma observação na escola Maria Rita e em seguida uma intervenção acompanhada pelo docente das referidas turmas escolhidas e por professores e coordenadores da escola e da Fecampo. Nesta observação constatamos que as práticas pedagógicas desenvolvidas reafirmavam a escola tradicional a partir da repetição e memorização dos conteúdos.

Cada aula durava cerca de 40 a 45 minutos, um tempo curto que fragmentava o trabalho pedagógico da professora no processo de ensino aprendizagem dos estudantes, problema que perpassa por todas as escolas, pois por conta do tempo "relativamente curto", que em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem" (Freire 1987, p.58).

O relato da mãe de um estudante: "[...]Os professor daqui são tudo de fora, muita das vezes não sabe nem o nome dos aluno, e aula dura só quarenta minuto. Aí é difícil aprende assim". (Raquel de Souza Lacerda). Esse foi um dos desafios vislumbrados, pois também éramos de outra comunidade e não gostaríamos que a questão do tempo e do deslocamento nos impossibilitasse de realizar práticas que incidisse sobre o ensino aprendizagem dos estudantes.

Na escola pesquisada ainda não tinha concluído o Projeto Político Pedagógico - PPP. Durante toda nossa pesquisa, recebemos a informação, todas as vezes em que procuramos para fazermos um estudo desse documento, nos foi informado que não estava pronto: "O PPP da escola está em construção" (K. B. G., Coordenadora da escola). Isso dificultou uma análise mais elaborada da proposta da escola, bem como sua missão e valores da escola e em especial, do ensino da língua portuguesa e de literatura, lançando mão apenas do que observamos e dos dados produzidos nos quatro anos de pesquisa na referida escola.

Na escola Maria Rita não se usava a literatura como uma ferramenta de ampliação do conhecimento da leitura e escrita, quando sabemos que ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo sistema de instrução, e as pessoas que não tenha adquirido essas duas habilidades são excluídas de sua participação de vários espaços sociais.

Daí, começaram minhas indagações sobre a questão relativa do tempo que se tem com esses estudantes em sala de aula. A preocupação deveria ser com o desenvolvimento dessas duas habilidades – leitura e escrita, em seguida como utilizar esse pouco tempo a favor do desenvolvimento dessas práticas.

Compreendemos que a tarefa do professor é de trabalhar e desenvolver a criatividade para a produção de diferentes textos pois são atividades humanas que mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem, dentre elas as dimensões sociais e culturais.

Foi percebido também, que o professor utiliza como principal ferramenta de ensino o livro didático, aplicando exercícios que em sua maioria as respostas das questões são encontradas no próprio livro, se faz muito uso de ditado de palavras. A professora observada passou a impressão de não ter tempo de se organizar, de não planejar as suas ações e como consequência, repassa apenas o que se encontra no livro, por morar e trabalhar em vários outros municípios, reproduzindo uma concepção "bancária", em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquiva-los", (FREIRE, 1987, p. 58).

O educando passa dessa forma a não ser considerado responsável por parte de sua aprendizagem, que, ao interagir com indivíduos, com seus conhecimentos empíricos e com o meio em que habita, produz conhecimento. Zilberman complementa dizendo que o livro deve ser o mediador na comunicação escrita entre o professor e o estudante. Através dele são passadas informações e teorias, e por esse motivo, se torna necessário a formação de leitores para manusear esse material, que é visto como um suporte não como protagonista.

Trata-se aqui de lançar estratégias de leitura diversificadas e em suas diferentes formas, a fim de dar autonomia a esse aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento como o afetivo pois sabemos que a leitura está ligada também com o nosso emocional, o cognitivo que nos permite chegar a um grau de estudar e aprender sozinho e a capacidade verbal nos ajudando a melhorar o conhecimento da língua e do vocabulário. Sendo assim o professor tem o papel de preparar o estudante para

que ao ler aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação sólida com o saber e a cultura. Não apenas decifrar palavras e identificar informações superficiais presentes no texto de forma que qualquer um enxergue, ou simplesmente ler o mesmo em voz alta. Eles precisam aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente a ponto de serem capazes de identificar suas características e finalidades. Oferecemos a esses alunos trabalhar com gêneros textuais voltados para literatura, como contos e poesias.

A escola tem a responsabilidade de proporcionar aos seus alunos condições para que os mesmos tenham acesso ao conhecimento. A literatura nos ajuda na criação e recriação desse conhecimento, ocupando sem dúvida alguma, grande destaque na vida escolar desses alunos.

> Ensinar a ler e escrever tem sido atribuição da escola desde seus inícios, sendo essas atividades estimuladas já nas primeiras series – ou ainda na pré-escola, segundo algumas orientações – e praticada em todas as disciplinas. Porém a responsabilidade pelo incentivo à leitura, incluindo se aí a introdução a leitura, e aprendizagem da escrita cabe invariavelmente ao professor de Língua portuguesa. (ZILBERMAN, 1988, p. 112).

Os professores da escola Maria Rita, também partilham desta concepção. Não nos ajudaram no projeto e acham que a responsabilidade de alfabetizar e letrar é somente do professor de língua portuguesa. O que dificulta nossa atuação, já que pré-adolescentes são os mais resistentes a leitura. Isso só muda quando os alunos encontram assuntos do seu interesse. Deste modo, é necessário que se valorize a leitura em sala de aula em todas as disciplinas, não só na língua portuguesa, sendo assim Zilberman, 1988, p. 94, nos sugere que: [...] Para tanto é melhor recorrer ao material onde ele aparece: os próprios livros didáticos que oferecem o testemunho direto, ou referencias de terceiros, pulicadas em locais diversos.[...]

O texto escrito e lido é sem dúvida a mais importante ferramenta para esse processo de leitura, mas a ele somam-se muitas outras características que permitem ao leitor atribuir e construir novos e coerentes significados para o que leem e interpretam e isso não se dá apenas nas aulas de português, temos que ser de tudo um pouco e passear por todas as disciplinas. Isso deve ser feito com muito cuidado, mostrando que através da leitura é que veremos os verdadeiros valores da sociedade. Como enfatiza Zilberman, temos que incentivar as muitas formas de ler:

> A leitura é o fenômeno que respalda o ensino da literatura e, ao mesmo tempo, o ultrapassa, porque engloba outras atividades pedagógicas, via de regra de tendência mais prática. De modo que a literatura, enquanto evento cultural e social, depende do modo de como a leitura e encarada pelos professores, por extensão, pelos livros didáticos que encaminham a questão; pois de uma maneira u de outra, eles se encarregam de orientar a ação docente em sala de aula. (ZILBERMAN, 1988, p. 94)

A leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, e possibilita o alargamento de pontos de vista, experiências e transformação da cultura, "Quando lê alguma história, a gente fica pensando sempre na história, querendo fazer parte também" (Pedro Araújo, 6º ano, 2017).

Portanto nesta observação o modelo de "educação bancária," que é visto como uma modalidade em que o professor é o único detentor do conhecimento e o estudante um "depósito a ser preenchido pela sabedoria do mestre" infelizmente esse foi o modelo de ensino que encontramos nas salas de aulas da referida escola durante o processo de observação.

Nosso papel enquanto pesquisadora não é julgar e culpar os professores que atuam nas escolas, sabemos que nossa atuação é fruto dos espaços de formação e da tradição escolar. Além da carga excessiva de trabalho que atrapalha e diminui o tempo de leitura dos professores, o acesso a um livro nesse país é caro e o salário dos professores é destinado para o sustento de suas famílias e para prover a educação dos filhos, de forma que dificulta também o acesso a compra de livros diversificados.

Como já foi dito cerca de 80% dos professores da Maria Rita são de cidades vizinhas e que trabalham em mais de uma escola, em comunidades de diferentes culturas. Esse profissional da educação também tem sua formação limitada pela exclusão do acesso aos livros e o tempo para melhorar sua formação, o que pode também limita a formação dos estudantes porque o investimento em educação nesse país ainda é limitado.

Freire afirma que:

> "Quem, melhor que os oprimidos, se encontrarão preparados para entender o significado terrível de uma sociedade opressora?". É uma cadeia de opressão, iniciando pelo estado que vive refém de grandes potências mundiais, estado oprime setores inferiores como Secretarias de Educação, que oprimem escolas, que oprimem professores, que se valem do livro didático, para preencherem os considerados "vasos" vazios, os alunos (Freire 1987, p.31).

Nós, enquanto educadores atuantes e futuros educadores em estado de formação, compreendemos as inúmeras dificuldades para sermos educadores qualificados e que se

dediquem ao trabalho docente, nas condições de trabalho para realização do mesmo. Essas dificuldades se tornam maiores ainda quando somos educadores do/no campo, mesmo assim, somos cientes que há ações possíveis de serem realizadas.

Podemos através de nossa prática docente começar com pequenas ações dentro das nossas salas de aula, sem esperar que o sistema se modifique sozinho. Pois, para desenvolver o gosto pela leitura é preciso haver a participação contínua do professor (a) que deve atuar sempre como mediador, e antes de tudo, leitor. São várias as formas de praticar a leitura, e se faz necessário descobrir qual a que mais agrada esse aluno, para que ele tome gosto em praticá-la. Devemos fazer da escola o lugar onde se aprende a ler e escrever, mas também a conhecer a literatura e desenvolver o gosto por ela.

3.2. Estratégias de Ensino: Poesia na sala de aula.

Mostraremos agora em forma de um registro da experiência com turmas do ensino fundamental, que acabou configurando em um livro no qual a poesia e os seus desdobramentos múltiplos passam a significar o mundo e as vivências desta comunidade da Vila Ponta de Pedras, entre professores e alunos, ensinando literatura mais precisamente, o poema.

A atuação como bolsista de iniciação à docência possibilitou o convite, no ano de 2017, para atuar como docente contratada na Escola Maria Rita, ministrando aulas de português e inglês. Esse convite nos deixou maravilhada, pois era a oportunidade de pôr em prática tudo aquilo que aprendi na minha formação e possibilitar o registro para análise posterior de pesquisa, no trabalho de pesquisa ação; e como professora regente, tinha total autonomia para a realização do trabalho em sala de aula.

Fiz um diagnóstico das aprendizagens dos estudantes e fiz o planejamento para inserir todas as atividades desenvolvidas na iniciação à docência e inserir a Literatura como facilitador da leitura subjetiva, aquela que leva o aluno a interpretação. Nos levando a desenvolver o projeto de leitura e escrita com base na literatura.

Então elaboramos um projeto, com cronogramas de atividades que deixasse as turmas motivadas, sabendo que para obter entusiasmo por parte dos estudantes teríamos que efetuar uma boa proposta de trabalho. Começamos perguntando o que eles sabiam sobre literatura em geral. O objetivo de qualquer pergunta é provocar respostas do outro, por isso demos tempo para que os alunos se manifestassem para facilitar o diálogo e aprendizagem cooperativa, dispomos as carteiras em círculo.

Figura 06: Primeira atividade em sala

Fonte: Registro da pesquisadora, 2017.

Promovendo uma aprendizagem significativa, pois à medida que um novo conteúdo é apresentado ao estudante o mesmo passa a ser significativo para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Por isso nós professores em nossa prática pedagógica não podemos ser omissos as histórias locais e mundiais, mas é necessário que não separemos as disciplinas por "caixas", e sim é preciso entender de mais coisas como política, ética, família para que o processo de ensino aprendizagem seja efetivado na sua plenitude dentro da realidade do aluno.

Como já nos mostrou Paulo Freire (....) não há aprendizagem enquanto não houver uma participação consciente do aluno como sujeito do processo, pois o ensino não é um adestramento.

No projeto que intitulamos como "PROJETO POESIA" foi algo pensado com bastante cuidado por se tratar de uma comunidade onde os próprios pais, já de alguma, forma viam a literatura como algo para as meninas da cidade. Então, primeiro no dia 05/09/2017, apresentei o projeto a coordenação, direção e todo quadro docente da escola, através de uma reunião, que já estava marcada pela coordenação para falarmos do desenvolvimento dos alunos. Em seguida, no dia 11/09/2017, retornei à coordenação e direção para buscar respostas sobre o projeto, como, se seria possível ou não desenvolver o mesmo na escola, com os alunos das turmas do 6º ao 8º. Nesse momento aproveitei que estava reunida com a diretora e coordenadora, e discutimos qual seria a melhor forma de trabalhar o projeto sem prejudicar as atividades do calendário escolar. A Diretora senhora Alzilei, parabenizou pela iniciativa e me recomendou que trabalhasse com as turmas que sugeri, mas, que a turma do 9º ano também participasse, para isso convocou uma outra

reunião com todos os docentes responsáveis pelas turmas, mas que ocorreu informalmente na sala dos professores.

No dia 15/09/2017, apresentamos o projeto aos alunos da escola em uma reunião com as turmas que participariam. Na qual explicamos a eles como seria o nosso trabalho, e como elaboraríamos temas de fácil compreensão para os alunos a fim de dar início as criações textuais e ilustrativas, sendo opcional a forma de trabalho podendo mesclar escrita com desenhos. Na mesma semana no dia 18/09 a 29/09/2017, tivemos um momento em conjunto com a coordenadora onde elaboramos o projeto, minuciosamente para enfim darmos início ao processo. É importante enfatizar que a coordenação da escola fez toda digitação, impressão e distribuição do regulamento e ficha de inscrição para as turmas.

Partimos para a elaboração das etapas do projeto, em parceria com a coordenadora da escola, e pensamos em fazer um **sarau de poesias**. Partimos do princípio de que a poesia está bem próxima de nós, nas letras de música, nas brincadeiras infantis, ou seja, está em toda parte. É só olharmos em volta: no pulsar das estrelas, no sorriso de uma criança, no perfume das flores, no silêncio, no olhar, no despertar... A poesia está em qualquer lugar, como bem escreveu o poeta Elias José "A poesia- é só abrir os olhos e ver – tem tudo a ver com tudo". Trabalhar as emoções, brincar com o ritmo e as rimas, fazer sons, jogar com as palavras, imagem e fantasia, se encantar com os poemas e principalmente saboreá-los deveria fazer parte do nosso cardápio cotidiano, pois a poesia alimenta nossa alma, apimenta e adoça nossa imaginação.

Nosso objetivo com o Sarau de Poesias foi estimular e promover o interesse dos alunos a leitura, oralidade, a produção textual e a conhecer poesias de diversos poetas. Partindo de uma composição poética, escolhida pela escola, produzir um espetáculo artístico envolvendo qualquer linguagem artística de sua preferência (música, dança, dramatização, declamação, artes visuais, circo, etc). Podiam participar do projeto alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental da E.M.E.F. Maria Rita. O Sarau de Poesia aconteceu no dia 26 de outubro na quadra da Escola, a partir das 19h e foi aberto a toda comunidade encerrando as atividades do mês de outubro em forma de culminância. As apresentações dos alunos tiveram no máximo cinco minutos cada, e nesta mesma noite tiveram exposições dos projetos desenvolvidos nas escolas.

As ações foram propostas para o coletivo de professores da escola, para ser trabalhado na escola durante o mês de outubro de 2017. Para que pudéssemos atingir nossos objetivos, contamos com parcerias fundamentais que foram os responsáveis pela

Biblioteca da escola, as Professoras de Língua Portuguesa, Coordenação e demais professores afins e principalmente com as instituições de ensino através da divulgação e participação, e nos vários momentos em que seriam abordados a temática da Poesia.

Com o objetivo de abrir espaço para novos escritores, incentivamos a leitura despertando o interesse das pessoas pelos poemas através da publicação das obras em lugares inusitados. No regulamento decidimos que: 1) A poesia teria que ser de autoria própria, sendo um soneto (duas estrofes de quatro versos e duas estrofes de três versos), ou qualquer formato de no máximo 15 versos; 2) Poderiam participar do projeto todos os alunos da 6º ao 9º ano; 3) A seleção seria feita pela escola de no máximo quatro poesias e todas as poesias deveriam ser analisadas pela professora responsável da biblioteca ou língua portuguesa; 4) Deveria ser entregue uma cópia de cada poesia em envelope contendo uma cópia das poesias, nome completo e série que estudam; 5) Das poesias enviadas, todas seriam publicadas no Jornal Mural da escola e logo a conclusão do evento impressas em uma cartilha; 6) Os trabalhos enviados não seriam devolvidos, sendo que a entrega da poesia já autoriza a sua publicação.

Foi elaborado também um **varal de poesias** com o objetivo de ajudá-los no desenvolvimento do pensamento, da criatividade, da sensibilidade, valorizando assim o texto literário e melhorando a expressão oral e escrita, a descobrir e incentivar talentos e, antes de tudo, propiciar um grande e maravilhoso contato com a poesia. Com as seguintes regras: 1) A poesia deveria ser de autoria própria, contendo duas estrofes de quatro versos cada e pode ser ilustrada (a critério do aluno); 2) Cada aluno poderia participar com uma poesia apenas; 3) A seleção de no máximo 25 poesias seria feita pela escola; 4) Cada trabalho deveria vir acompanhado pelos seguintes dados: Nome completo do (a) aluno (a), turma, nome da escola e nome completo do (a) Professor (a) responsável, no verso da folha; 5) Das poesias enviadas, todas farão parte de um grande varal, feito especialmente para expor as poesias, onde ficariam em exposição no pátio da escola, além de publicadas em uma cartilha.

Em seguida propomos que fosse trabalhados os seguintes estilos poéticos:

	POESIA VISUAL OU CONCRETA	**POESIA ILUSTRADA**	**POESIA INFINITA**
	Promover o gosto pela poesia visual; desenvolver criações na modalidade de poesia visual; divulgar a	Tendo por objetivo ajudá-los no desenvolvimento do pensamento, da criatividade, da	Este é um poema de versos alternados entre diversos compositores. Cada verso deve ser uma sequência

OBJETIVO	produção da poesia visual elaborada pelos alunos; relacionar a expressão visual com a palavra escrita.	sensibilidade, valorizando assim o texto literário e melhorando a expressão oral e escrita, descobrir e incentivar talentos e, antes de tudo, propiciar um grande e maravilhoso contato com a poesia.	apenas do anterior, podendo (ou não) ter relação com os versos anteriores. O aspecto mais importante é o movimento encadeado e suave que cada verso possui com o seguinte, mostrando uma progressão consistente em termos de ritmo e imagem. Os temas preferidos são imagens da natureza que capturam a essência de um momento específico, como uma imagem fotográfica. A poesia deve mostrar simplicidade e naturalidade captando as cenas dos eventos da natureza, dando valor à transformação, à ruptura do contínuo, ao eterno versus momentâneo e aos contrastes.
REGRAS	1) O tema da poesia é livre; 2) Poderão participar do projeto "Poesia Visual" todos os alunos de 6º ao 9º ano da E.M.E.F. Maria Rita; 3)Cada aluno poderá participar com uma poesia visual e a escola deverá selecionar apenas oito poesias para a divulgação no Jornal Mural da escola; 4) As poesias devem ser encaminhadas para a professora responsável até o dia 24/10. 5)A Poesia deve apresentar-se escrita em papel A4. Cada trabalho deverá vir acompanhado pelos seguintes dados: Nome completo do (a) aluno (a), turma, nome da escola e nome completo do (a) Professor (a) responsável, no verso;	1) O professor deverá apresentar uma poesia de um autor de sua preferência, para que os alunos ilustrem. 2) Poderão participar do projeto "Poesia Ilustrada" todos os alunos do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano da E.M.E.F. Maria Rita; 3) As poesias enviadas farão parte de uma grande exposição no dia 27 de Outubro no Sarau de Poesia	Os versos pares possuem 2 linhas e os versos ímpares 3 linhas, na seguinte forma: - - - - - "Poema 1" - - - - - "Poema 2" - - - - - "Poema 3" - - - - -"Poema 4" Ex. No Japão este tipo de poesia concatenada é conhecido como Renga e alguns dos seus versos isolados são chamados de Hai-kais. Possui uma longa história que retoma a filosofia espiritualista e o simbolismo Taoista dos místicos orientais e mestres Zen-budistas que expressam muito de seus pensamentos na forma de mitos, símbolos, paradoxos e imagens poéticas.

No dia 02/10, munidos do plano e da proposta, fomos para a prática convictos de que nós seres humanos pertencemos a uma espécie dotada de uma admirável capacidade de formar ideias, e que temos um instrumento de comunicação que é a linguagem, e que temos a língua para representar o nosso pensamento.

No dia 22/10, iniciamos as ações e as atividades que envolveram a temática com a organização dos assuntos a serem trabalhados com os estudantes. Sugerimos temas como: memória, ancestralidade, oralidade, musicalidade, comunitarismo e ludicidade, sempre articulando os valores culturais da comunidade, conhecendo e reconhecendo os mesmos. Neste sentido, a ideia de trazer tais temas surgiu no intuito de proporcionar aos participantes do projeto o contato com a história da comunidade e de como organizar uma poesia a partir dos elementos estipulados pelo regulamento da proposta pedagógica que elaboramos. Este momento foi muito importante, pois os estudantes puderam aprender como os princípios e valores culturais podem ser trabalhados na organização e estrutura de uma poesia.

Além dos textos literários, outros tipos de materiais escritos foram citados, como os jornais e livros sobre temas diversos, e assim como aparece em outras pesquisas, os jovens e as crianças que dentre os assuntos que queriam aprender por meio da leitura de textos, pudemos identificar alguns muito pertinentes ao perfil do grupo pesquisado (crianças entrando na fase da adolescência), informações sobre a adolescência, sexo, namoro, seu próprio corpo.

Os estudantes falaram sobre a necessidade de termos mais livros sobre tais temas nas bibliotecas, pois eles gostam/gostariam de aprender mais sobre “essas coisas da vida”. Foram explicitados também, nas entrevistas, motivos ligados a leitura por puro deleite “gosto de sonhar”, “gosto de imaginar”, “gosto de me divertir” Uma das crianças do 6º ano conseguiu expressar de maneira enfática a possibilidade de ingresso no mundo da literatura quando disse: “[...] as histórias de fada me alegra; tem hora que desejo ser fada e outra hora quero ser bruxa.” Essa aluna mostrou o quanto a subjetividade é vivenciada por meio da literatura, o quanto projetamos nos textos literários nossos anseios, desejos, medos, emoções.

Figura 07: Apresentamos aos estudantes vários estilos de textos literários.

Fonte: Registro da Pesquisadora, 2017.

Aproveitamos esse momento e trabalhamos a roda do tempo com histórias contadas por seus ancestrais e que os estudantes teriam que recontar para colegas e professores. Nessa perspectiva, reconhecemos os componentes metodológicos do ensino de literatura, como a constituição do estudante sujeito leitor, a literatura ensinada, ou seja, os textos e a ação do professor, também, sujeito leitor.

As articulações entre esses elementos materializam-se com a execução da atividade, ficando visível uma convivência mais sensível com a linguagem. Logo de início, observamos o cuidado em ouvir a voz do estudante, isto é, as possiblidades significativas do poema partem daquilo que chamaríamos “notas subjetivas de leitura”, como diria Lojolo (2004) e Zilberman (2008), que é intercruzar textos literários com o exercício da leitura prazerosa, inserindo a literatura como suporte na promoção da leitura e como fonte geradora de aprendizagens e sentidos e não apenas como um objeto por meio do qual se realiza a ação mecânica e reduzida do ato de ler. Tal encaminhamento fez acontecer uma experiência significativa para consecução deste projeto. Uma vez que sabemos que no processo de leitura deve-se levar em consideração o conhecimento prévio do estudante, uma vez que o mesmo precisa estabelecer uma ponte entre o saber adquirido em seu dia-a-dia com os conhecimentos que obtém durante o processo ensino aprendizagem. Nesse sentido Silva (2002, p. 96) esclarece que a leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não-significativas para ele, tirando qualquer estimulo para que se torne um leitor por prazer.

Daí a necessidade de promover uma renovação nesses espaços educativos, tornando-os capazes de repensar o ensino em busca de uma nova dinâmica de leitura, uma dinâmica que seja voltada para suas mais diversas possibilidades e não apenas se detendo na busca por informação. Dessa forma é possível despertar no estudante, o prazer de ler. Sobre essa questão, Lajolo (2004, p. 107) traz a seguinte reflexão:

> Se algumas metodologias e estratégias propostas para o desenvolvimento da leitura parecem enganosas por trilharem caminhos equivocados, o engano instaura-se no começo do caminho, a partir do diagnóstico do declínio ou da inexistência do hábito de leitura entre os jovens. Espartilhada em hábito, a leitura torna-se passível de rotina, de mecanização e automação, semelhante a certos rituais de higiene e alimentação, só para citar áreas nas quais o termo hábito é pertinente.

A Leitura na escola é um desafio constante. Ler não é uma atividade que atrai os estudantes facilmente. Por isso propomos essa atividade de reconstrução de sentidos, pois o texto literário apresenta sempre dupla interpretação ou dupla leitura e tem um efeito em cada leitor. O objetivo principal deste projeto é os fazer entender que leitura e escrita são processos que se completam e complementam.

Considerando esses processos, o desafio do professor de Língua e Literatura é tornar a leitura tão atrativa quanto os meios de comunicação e meios de entretenimento. Também fizemos um cantinho com livros expostos para o incentivo em sala. Atividade serviu para conhecer, saber, experimentar, sentir e vivenciar momentos. Em alguns momentos era solicitado que eles fechassem seus olhos e imaginassem as cenas da história acontecendo. Lembrando-se de um contexto familiar em que a leitura e a conversa aparecem com fronteiras pouco delineadas e como parte de uma trama afetiva:

> Tive uma avó que era contadora de história. A gente ficava maravilhada com o seu jeito de conduzir as palavras. As histórias não tinham hora para acontecer: no almoço, a noite, antes de dormir, andando pela rua...Lembro que, mesmo sem que a gente soubesse ler, me mostrava seu caderno de receita, e eu ficava tentando imitar. Ela mostrava pra gente livros velho com muita figura de animal, pessoas de vários jeitos ou que as vezes ela mesmo desenhava. (Jailine Ribeiro, 8º ano, 2019).

A cada dia acontece uma lição de vida. Aprende-se de tudo a todo tempo, seja na comunicação com os mais velhos, com os mais novos, com o trabalho em grupo, ou seja, sempre na relação com o outro. Nesta atividade fizemos esse movimento, não na intenção de trabalhar a sequência didática como eixo do ensino da escrita, mas de fazer os estudantes escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais, estimulando progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos.

Mostrar o valor da leitura para esses estudantes não foi uma tarefa fácil pois nesse processo está a possibilidade de repensarem sua realidade, através de uma compreensão mais profunda da mesma. Segundo Zilberman (1988), é necessário construir e levar a prática para que a leitura venha a ser cada vez mais importante na vida desses estudantes, pois ler é um ato libertador.

Figura08: primeiros rascunhos dos estudantes em forma de poesia

Fonte: Registro da Pesquisadora, 2017.

Os auxílios externos e os suportes para regular as primeiras etapas da escrita são muito importantes, mas, pouco a pouco, os estudantes precisam aprender a reler, a revisar e a melhorar os próprios textos, introduzindo, no que for possível, um toque pessoal de criatividade.

Escolher e adaptar as atividades de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos estudantes é extremamente importante, apresentando uma base de materiais que podem ser completados e transformados em função dessa situação e dessas necessidades. Sem deixar de lado trabalhar com outros textos de diversos gêneros, nem de trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa.

3.2.1. Resultados e Análise das poesias dos estudantes

Partimos para a produção dos estudantes. Momento de transformar o imaginário e os momentos do projeto em novas formas de expressão usando a criatividade peculiar

de cada um. Nesse momento o nosso papel foi criar um ambiente agradável para a realização da vocação natural deles, seguindo as normas propostas pela competição.

Os estudantes, influenciados pela cultura machista que está impregnada na sociedade, passaram a fazer piadas com outros meninos: “poesia é coisa de menina”!. Esse momento nos colocou diante de desafios de trabalhar o preconceito, em uma sociedade que exclui e oprime a partir da opção sexual e que rotulam as atividades pelo gênero sexual, o que produz inúmeros conflitos entre os estudantes. Por isso é fundamental que o trabalho com a literatura seja trabalhada desde o início da vida escolar.

Esse momento de escrita foi onde se deu o movimento do leitor em criador de seu próprio texto, transformando o ato passivo frente ao texto literário em atividade participativa da criação e valorização desses estudantes, lhes dando autonomia de criação.

Não estamos afirmando que a escola não deve contemplar outros temas literários e sim apenas os temas “do campo”, porém que se deve ampliar o conceito de campo e o direito dos que ali residem em poder acessar outros mundos como o lúdico.

A partir das leituras feitas e da apropriação das técnicas, estudantes produziram poesias muito interessantes. Partindo-se do princípio que a leitura não é um processo linear e, portanto, possibilita diálogos, inferências, construções, reconstruções e confrontos, além de perceber a importância de enxergar algumas palavras totalmente e adivinhar-se outras, sempre associadas a experiências anteriores como vivências e leituras, o que poderá vir a ser vivenciado em espaços onde as ações realizadas possam favorecer o exercício do ato de ler como processo de interação entre o autor e o leitor. Zilberman (1998) defende uma política cultural voltada à leitura para todos, que priorize em princípio a popularização da literatura:

> É preciso adotar uma metodologia de ensino da literatura que não se fundamente no endosso submisso da tradição, na repetição mecânica e sem critérios de conceitos desgastados, mas que deflagre o gosto e o prazer de leitura de textos, ficcionais ou não, e possibilite o desenvolvimento de uma postura crítica perante o lido e perante o mundo que esse traduz. (ZILBERMAN,1998, p. 44).

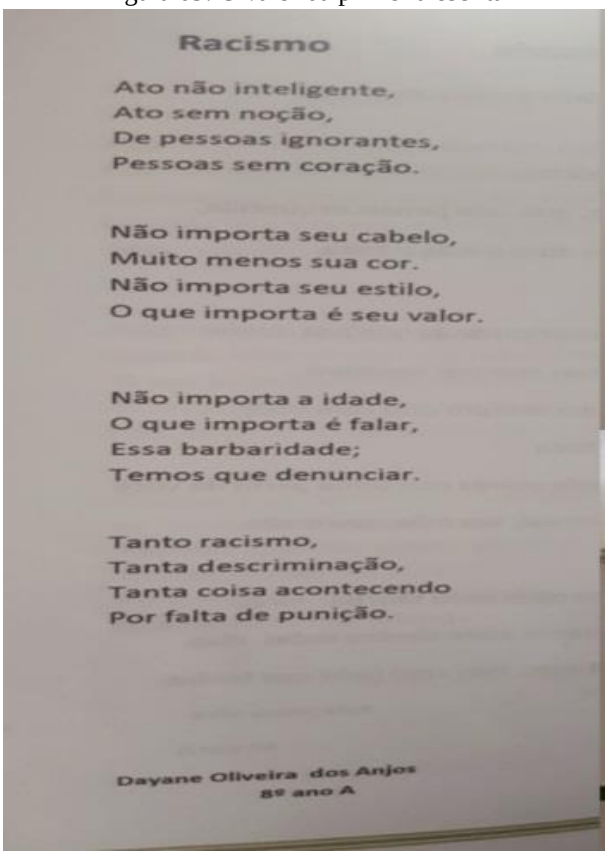
Partindo do pressuposto de que em cada texto há uma intenção consciente ou inconsciente e, portanto, tudo tem sentido, a função do mediador de leitura não pode ser reduzida ao simples ensinar a ler, mas também de criar condições para que o estudante realize sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias e exigências que a realidade lhe mostra. Nesse sentido, a literatura poderá exercer importante papel. Segundo Lajolo:

> A literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2004, p. 106).

Todo esse movimento de envolver o estudante no ato de "literar" é tarefa fundamental no processo de dar voz a esses sujeitos. Em linhas gerais, a literatura é uma das maneiras mais eficazes na transformação do sujeito que só lê, em para além de leitor, escritor.

A primeira produção propicia um diagnóstico dos conhecimentos e das dificuldades de cada estudante. Esses dados nos deram pistas para que pudéssemos planejar as intervenções necessárias no desenvolvimento de cada etapa do trabalho. Abaixo há exemplo de uma análise de produção de um estudante, participantes da competição.

Figura 09: O valor da primeira escrita



Fonte: livro de poesias produzido

A estudante que construiu este poema: Daiane Oliveira dos Anjos, não é negra, no entanto ela traz à tona um tema que lhe angustia, pois mesmo sem sentir na pele ela presencia cenas na comunidade onde nossos estudantes estão inseridos. No Brasil, atos explícitos de discriminação racial são proibidos por lei. E isso está levando as pessoas a

inibirem expressões preconceituosas, conservando disposições negativas internas. Mas para entender o racismo atual devemos, portanto, analisar o contexto onde se desenvolvem as novas formas dos processos de exclusão social. Esse contexto é visivelmente dominado pela globalização que deve ser entendida como um conjunto de processos que se estrutura em níveis diferentes, cultural, econômico, social, entre outros embora independentes entre si, são fortemente inter-relacionados. No processo percorrido pelo projeto, intensificamos a relação entre as diferentes culturas e etnias, valorizando o respeito a diversidade de valores culturais, como a manutenção das identidades e valores culturais regionais.

Tratar desse tema na literatura, que é uma das arenas mais sensíveis na encenação deste conflito preconceituoso, não apenas no sentido da cor da pele, nem de classe social, mas também de ideologia de gênero, quando se pressupõe que literatura é coisa de menina.

Temos obras literárias canônicas que trazem personagens que são tratados de forma muito racista. Conforme citação de Lajolo sobre obra de Monteiro Lobato: o Sítio do pica pau amarelo, em que a personagem de tia Anastácia era chamada de “negra beiçuda”, “macaca de carvão”, ditos estes de cunho racista, dirigidos não apenas pelos personagens mas também pelo narrador que também se referia a personagem pela cor de sua pele “negra” ou “preta”, o que já apontava sua condição de inferioridade em relação aos outros personagens.

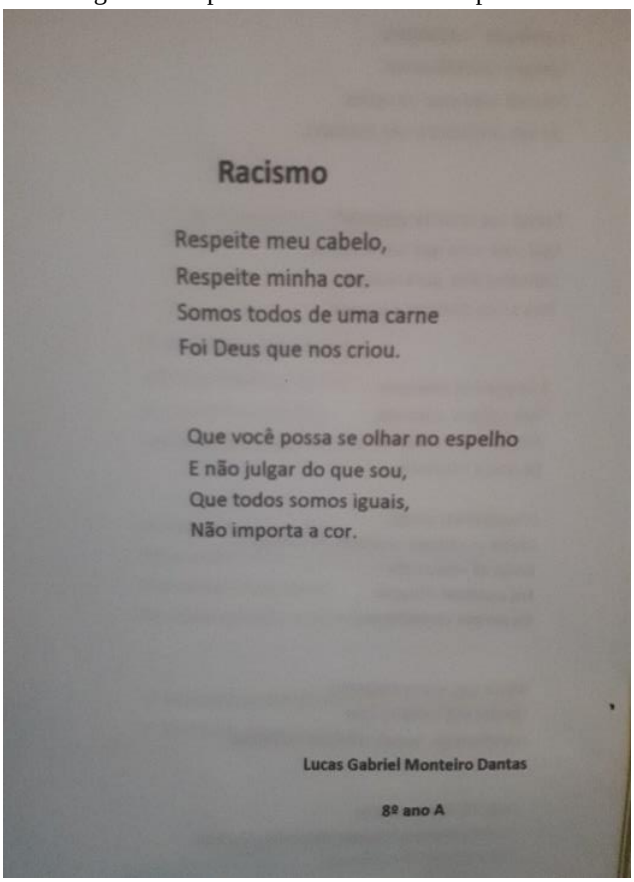
Apesar de não ser essa a percepção geral, o racismo no Brasil ainda tem extrema força e a desigualdade entre negros e brancos ainda é alarmante.

Há peculiaridade no racismo brasileiro: a dissimulação. Não são comuns demonstrações ostensivas ou segregações explícitas; a convivência de negros e brancos se dá em geral de maneira harmônica, sem conflitos evidentes. Daí decorre o “mito da democracia racial”. Todavia, essa condição supostamente positiva é responsável pelo enraizamento do racismo e pela grande dificuldade em combatê-lo. Como suas manifestações são muito sutis, via de regra passam despercebidas ou tendem a ser minimizadas. Afinal, comentários, apelidos, piadas, brincadeiras, ditos populares etc. soam tão naturais e não parecem trazer maiores consequências — não raro, quem os enuncia nem se dá conta de seu teor discriminatório. Por isso, torna-se bastante ofensivo se referir a negros como “macacos”, chamar uma pessoa negra de macaco é resgatar o forte legado histórico, com toda sua carga de gerações e gerações de negros que vêm sofrendo racismo através dos séculos. A luta contra o racismo só pode ser efetiva se passar

pelo combate às suas mínimas ocorrências, responsáveis por contaminar, ainda que de forma ardilosa, a mentalidade de toda a sociedade e perpetuar a situação de marginalização em que vivem os negros em nosso país. Daí a importância de o governo brasileiro assumir o combate ao racismo como uma política de estado. Sendo assim, não deveria causar admiração o fato de técnicos do Ministério da Educação se preocuparem com manifestações racistas em obras que serão distribuídas nas escolas e devem ser lidas por crianças e jovens.

Nesse sentido, a escola e, portanto, todo material de apoio à formação da pessoa e do cidadão, precisa contribuir para que o negro se reconheça na cultura nacional expressando uma visão de mundo autônoma, com protagonismo. É preciso que a escola, ao reconhecer, elaborar e compartilhar a história do povo africano e suas referências positivas, contribua para que as crianças negras não se imaginem como seres de segunda classe, inferiores, destinados a terem um papel de subalternidade social. Assim, é preciso considerar um processo de educação que apoie a formação do sujeito que se pensa construtor de sua própria história, que respeita e valoriza a diversidade, constatando que a riqueza cultural de um povo se funda nesta característica.

Figura 10: a poesia como forma de expressão



Fonte: livro de poesias produzido

É importante que o ensino do texto poético seja orientado pelas práticas leitoras dos alunos, não apenas aquelas apregoadas pelo texto verbal, mas outras como: cinema, televisão e suas experiências diárias.

> Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas revela-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

A autora indica que, a experiência da leitura de um texto literário, teria a capacidade de provocar no indivíduo os efeitos do estado de alteridade, capaz de expandir os horizontes daquele que lê, mesmo em situações em que o contexto vivido é completamente diferente do lido. Além disso, o leitor também é provocado a compartilhar as experiências de leitura, debater pontos de vistas e concepções sobre o texto.

> Em certa medida, a leitura sugere outra faceta educativa da literatura: o texto artístico talvez não ensine nada, nem queira fazê-lo; mas seu consumo induz a práticas socializantes, que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias (ZILBERMAN, 2009, p.18).

Não esquecendo de proporcionar o prazer pela poesia, mesmo sabendo que as abordagens sensíveis da obra literária quase nunca fazem parte dos objetivos do ensino da literatura, como aparecem nos documentos advindos das secretarias de educação, e nos projetos pedagógicos. Todavia, nas práticas do letramento literário na escola, o prazer do poema acaba ficando de lado.

Para fechar esse momento finalizando o projeto, os alunos participaram de uma noite cultural na escola onde apresentaram um recital das poesias produzidas por eles, foram devidamente premiados, além de apresentaram o livro para toda comunidade onde também distribuíram exemplares do livro. Os temas trabalhados durante o projeto foram pensados a partir da concepção de prática da liberdade, prática de diálogo, no intuito de propor aos estudantes, através de certas contradições, uma situação concreta com subsídios de situações do dia a dia, como desafios a serem vencidos, construindo, educando e provocando nesses estudantes o despertar para o mundo literário.

Figura 11: Culminância do projeto Sarau Literário

Fonte: Escola Maria Rita, 2017.

Essa atividade foi muito importante pois estimulou os alunos a terem interesse tanto pelas obras literárias quanto pelo ato de escrever. Sobre esse aspecto, Lajolo (2004, p. 7) esclarece:

> Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

Para a escola ficou a responsabilidade de instigar os estudantes a dialogar com a realidade, a valorizar o campo como um espaço rico e com oportunidades para a juventude, e de despertar nesses jovens o gosto pela terra e a valorização dos seus conhecimentos. A leitura de Poesia na sala de aula deve fazer parte do cabedal de referências dos professores de Língua Portuguesa, um recurso qualificado para o planejamento e a execução de uma boa aula de literatura.

Como podemos constatar, o encontro com a experiência cultural proveniente do objeto estético da cultura popular manifestou, no contexto de ensino, atitudes, gestos, ações que fizeram vibrar a poesia do texto: no riso, no canto, na constituição de uma comunidade – professoras e estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivávamos refletir sobre a importância da literatura como prática significativa no processo de leitura e formação dos estudantes da Escola Maria Rita, em particular no ensino fundamental II, na Vila Ponta de Pedra no município de São João do Araguaia, Pará.

Para isso nos debruçamos nas leituras de estudiosos que discutem sobre esse tema, como Lajolo (2007); Lajolo & Zilberman (1984); Zilberman (1982; 2005), Coutinho (1975), Freire (1998; 1997; 1987) e Ribeiro e Costa (2014) e sobre a proposta expressa no PPC da Fecampo (2019), que contribuíram para uma discussão mais consistente sobre o ensino da literatura no ensino fundamental.

Finalizar um trabalho em que a temática perpassa por uma formação através da literatura em uma escola do campo, não se instituiu em uma tarefa fácil. Nós enquanto educadores temos que reconhecermos que o problema não é somente o mau aproveitamento dos livros didáticos, que já vem com um agravante, seus conteúdos serem elaborados para uma região específica e repassados para todas as outras da mesma forma, sem levar em consideração as diferentes culturas, ritos, saberes populares, crenças etc. Visto que um dos maiores problemas é a forma do uso destes conteúdos, sem adaptações, sem criatividades e sem a correlação com o cotidiano dos estudantes e realidade vivida nas comunidades rurais.

Pensando em toda essa trajetória, tanto ano a ano como ao longo de cada um desses dois anos de pesquisa, onde buscamos realmente incrementar e qualificar o estudo da Literatura, apresentada, entre tantas definições, através da palavra escrita, leitura e imagem. Esses aspectos são contemplados com propriedade no desenvolvimento das atividades envolvidas no projeto “Sarau literário”, especialmente na noite cultural de Literatura.

Ao avaliarmos o projeto, remetendo-nos a ideias de processo avaliativo, isto é, que não é o produto final apenas que irá definir se objetivos foram alcançados ou não, podemos afirmar que sim, mesmo com dificuldades em todo percurso conseguimos alcançar nossos objetivos.

O projeto tem sua importância reconhecida pela comunidade escolar, bem como expectativas quanto aos resultados, ganhando uma sequência com futuras edições na escola nos anos subsequentes, comprovando que os objetivos foram alcançados.

Houve a leitura previamente realizada das obras indicadas para o projeto, durante o período escolar. A técnica da biblioteca informou que houve um aumento no fluxo de estudantes e na retirada de livros, tanto orientada quanto espontânea, e a leitura, inclusive em períodos de férias que foram indícios que a leitura deixou de ser um mero cumprimento de tarefas para se transformar em uma ação prazerosa, com sentido.

Outro aspecto que merece destaque, é que o trabalho foi realizado com pré-adolescentes, refere-se à identidade cultural. Ao entrarem em contato com obras de autores diversos, de regiões e épocas diferentes das suas, os estudantes estabeleceram relações, refletindo sobre a língua e suas variantes, como forma de expressão e identidade dos grupos sociais. A adaptação com a linguagem literária ampliou o vocabulário desses estudantes ampliando as formas de conhecimento, utilizando-se da palavra e da imagem como ferramentas de criação.

Na execução das etapas finais do projeto, com a formação de equipes para ornamentação do espaço, ensaios, fotos, entre outras atividades, os estudantes tiveram oportunidades de trabalhar em grupo, organizar a estética do local, as quais não seriam percebidas nem valorizadas em um ambiente padronizado de sala de aula.

Ao serem estimulados à produção de poesias, nas quais são registradas experiências vividas, a produção textual na escola e a escrita ganha um sentido e significado. E mais uma vez, a própria produção tornou-se fonte de fruição da leitura. Dessa forma, juntam-se os dois pilares fundamentais do projeto - palavra escrita e leitura, e assim, a literatura, literalmente, sai dos livros para ser experienciada.

Acreditamos que momentos como o “Sarau” com apresentações, contações de histórias e etc, possibilitou levá-los ao universo de faz de conta, ao encontro com o imaginário e sobretudo a leitura da realidade vivida. Logo, criar condições para momentos, como de tempo para planejamento, estudo, que é um dos grandes problemas do trabalho docente na escola. Defendemos firmemente a importância da Literatura para todos os estudantes como capaz de transformar, alimentar a mente e alegrar os corações, transformando as pessoas e os lugares.

REFERÊNCIAS

LAJOLO, Mariza & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. *História & Histórias.* São Paulo: Ática, 1984.

LAJOLO, Mariza. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ª edição/12 ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2007

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** 2 ª edição. São Paulo: Globo Editora,1982.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução a Literatura no Brasil.** 7 ª edição. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares,1975.

FREIRE, P. Y COLS. (1987). **Vivendo e aprendendo: experiências do idac em educação popular.** 10 ª ed. (1 ª edición: 1980). São Paulo: Brasiliense.

FREIRE, P. (1997). **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1998). **Pedagogia do Oprimido.** 25ª ed. (1ª edición:1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

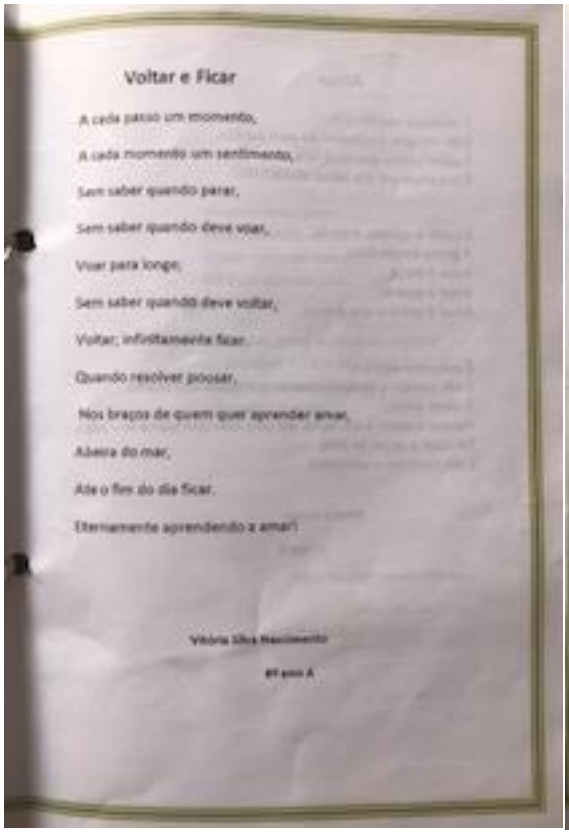
THIOLLENT, Michel, **Metodologia de pesquisa-ação.** 12 ª Ed, São Paulo: Cortez, 2003.

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O posseiro da fronteira: campesinato e sindicalismo no sudeste do Pará.** Belém:UFPA/NAEA, 2001. 170 p.

RIBEIRO, Nilsa Brito e COSTA, Lucivaldo (2014). O lugar da área da Linguagem na Educação do Campo In SILVA, Idelma Santigado da; SOUZA, Haroldo e RIBEIRO, Nilsa Brito. **Práticas contra-hegemônicas na formação de educadores: reflexões a partir do curso de Licenciatura em Educação do Campo no Sul e Sudeste do Pará**. Brasilia, NEAD, 2004. P. 209-230.

UNIFESSPA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo** da Faculdade de Educação do Campo, 2019 (mimeo).

ANEXOS

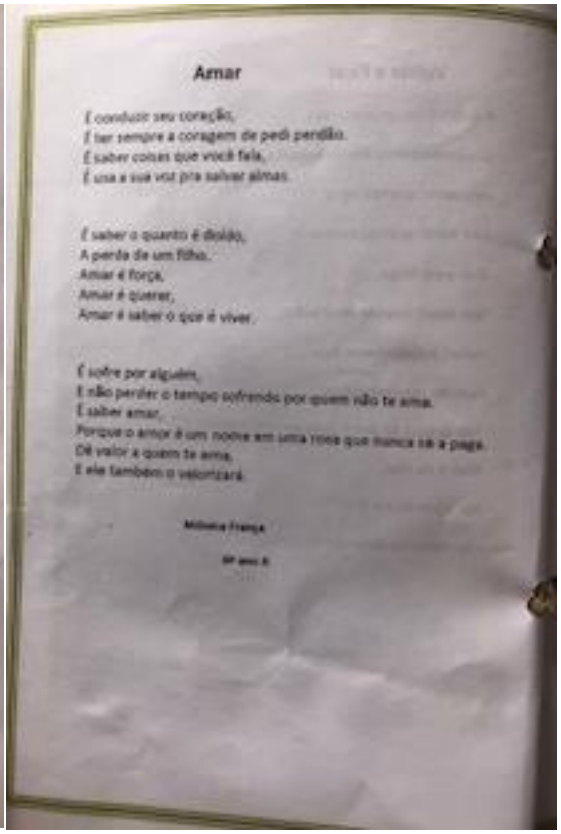


Voltar e Ficar

A cada passo um momento,
A cada momento um sentimento,
Sem saber quando parar,
Sem saber quando deve voar,
Voar para longe,
Sem saber quando deve voltar,
Voltar; infinitamente ficar.
Quando resolver pousar,
Nos braços de quem quer aprender amar,
Abeira do mar,
Até o fim do dia ficar.
Eternamente aprendendo a amar!

Vitória Silva Nascimento

8º ano A



Amar

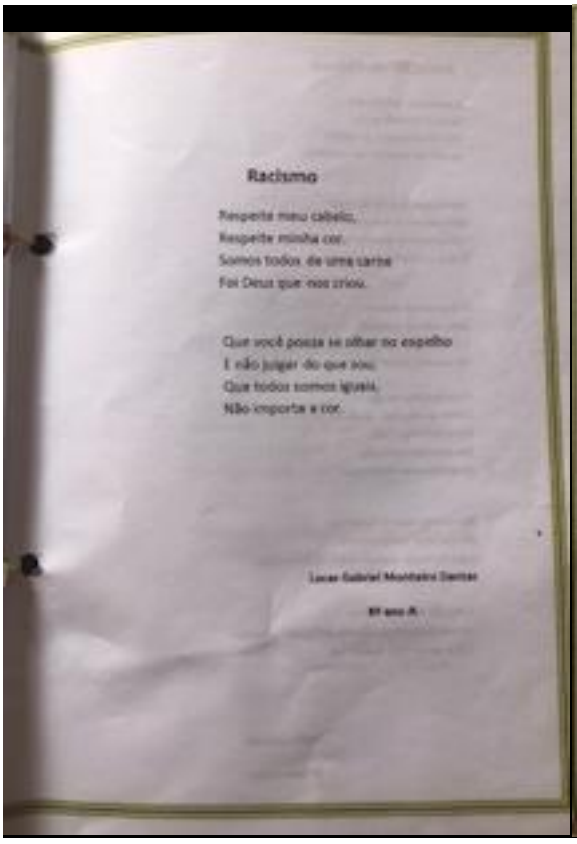
É conduzir seu coração,
É ter sempre a coragem de pedi perdão.
É saber coisas que você fala,
É usa a sua voz pra salvar almas.

É saber o quanto é doído,
A perda de um filho.
Amar é força,
Amar é querer,
Amar é saber o que é viver.

É sofre por alguém,
E não perder o tempo sofrendo por quem não te ama.
É saber amar,
Porque o amor é um nosso em uma rosa que nunca se a paga.
Dê valor a quem te ama,
E ele também o valorizará.

Mileny França

8º ano A



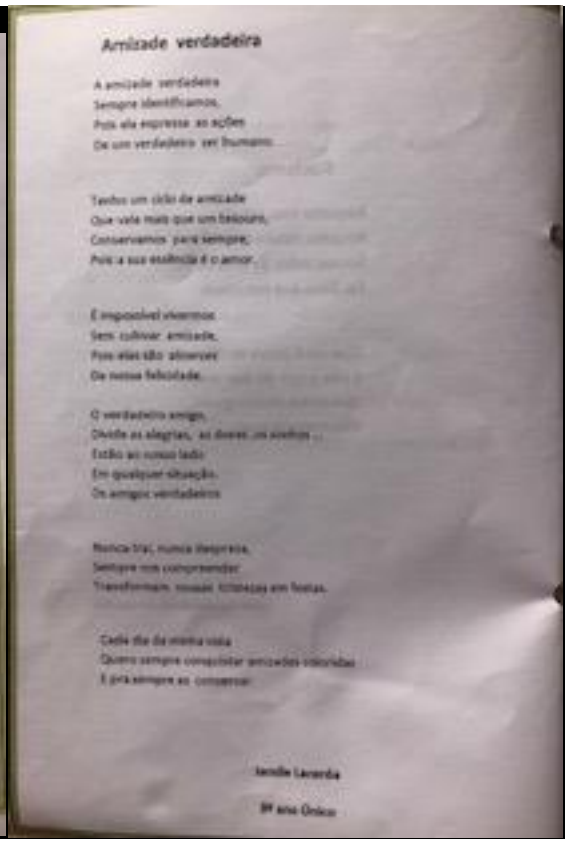
Racismo

Respeite meu cabelo,
Respeite minha cor.
Somos todos de uma carne
Foi Deus que nos criou.

Que você possa se olhar no espelho
E não julgar do que sou.
Que todos somos iguais,
Não importa a cor.

Lucas Gabriel Monteiro Santos

8º ano A



Amizade verdadeira

A amizade verdadeira
Sempre identificamos,
Pois ela expressa as ações
De um verdadeiro ser humano.

Temos um ciclo de amizade
Que vale mais que um tesouro,
Conservamos para sempre,
Pois a sua essência é o amor.

É impossível vivermos
Sem cultivar amizade,
Pois elas são alimento
De nossa felicidade.

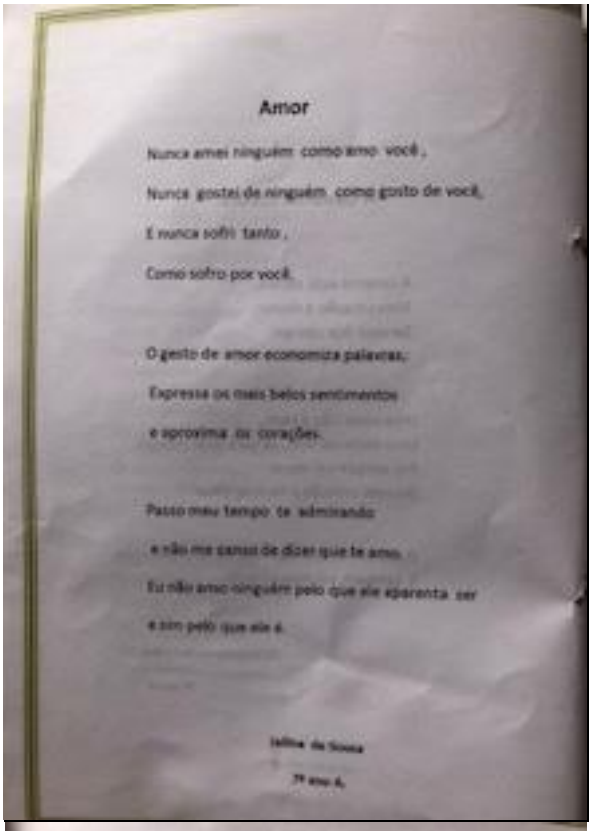
O verdadeiro amigo,
Divide as alegrias, os doces ...os sonhos ...
Estão ao nosso lado
Em qualquer situação.
Os amigos verdadeiros

Nunca traí, nunca despreza,
Sempre nos compreender
Transformam nossas tristezas em festas.

Cada dia da minha vida
Quero sempre conquistar amizades valorosas
E pra sempre as conservar.

Iamille Lacerda

8º ano Único



Amor

Nunca amei ninguém como amo você,

Nunca gostei de ninguém como gosto de você,

E nunca sofri tanto,

Como sofro por você.

O gesto de amor economiza palavras,

Expressa os mais belos sentimentos

e aproxima os corações.

Passo meu tempo te admirando

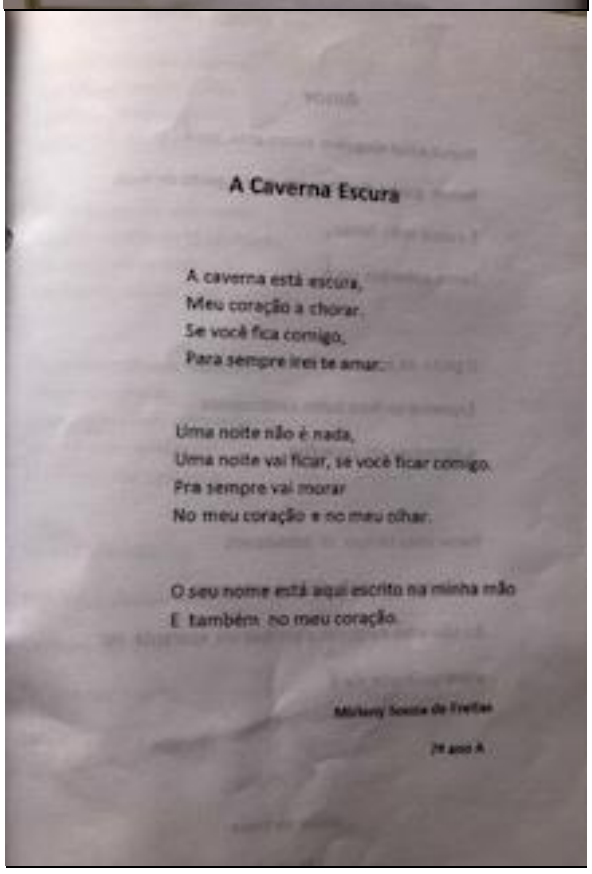
e não me canso de dizer que te amo.

Eu não amo ninguém pelo que ele aparenta ser

e sim pelo que ele é.

Idilina de Souza

7º ano A



A Caverna Escura

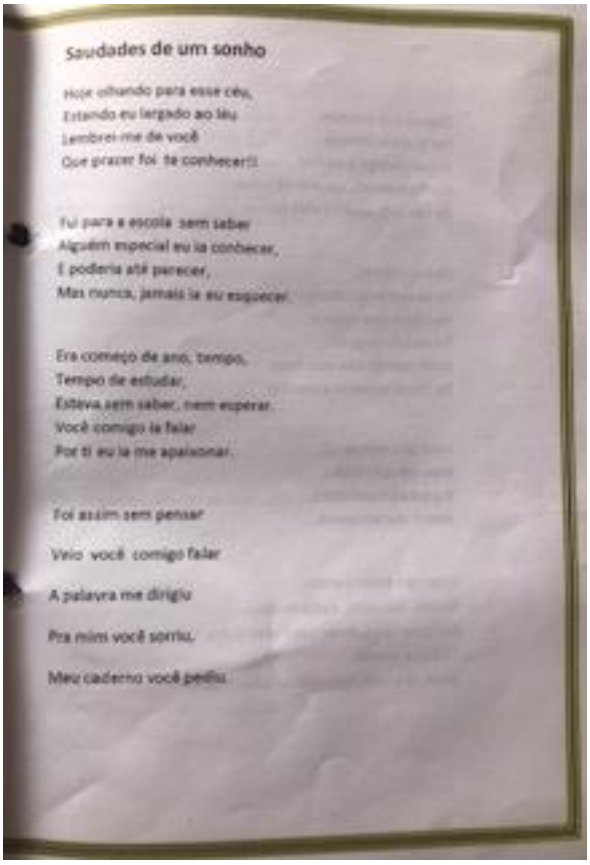
A caverna está escura,
Meu coração a chorar.
Se você fica comigo,
Para sempre irei te amar.

Uma noite não é nada,
Uma noite vai ficar, se você ficar comigo.
Pra sempre vai morar
No meu coração e no meu olhar.

O seu nome está aqui escrito na minha mão
E também no meu coração.

Mirlany Souza de Freitas

7º ano A



Saudades de um sonho

Hoje olhando para esse céu,
Estando eu largado ao léu
Lembrei-me de você
Que prazer foi te conhecer!!

Fui para a escola sem saber
Alguém especial eu ia conhecer,
E poderia até parecer,
Mas nunca, jamais ia eu esquecer.

Era começo de ano, tempo,
Tempo de estudar,
Estava sem saber, nem esperar.
Você comigo ia falar
Por ti eu ia me apaixonar.

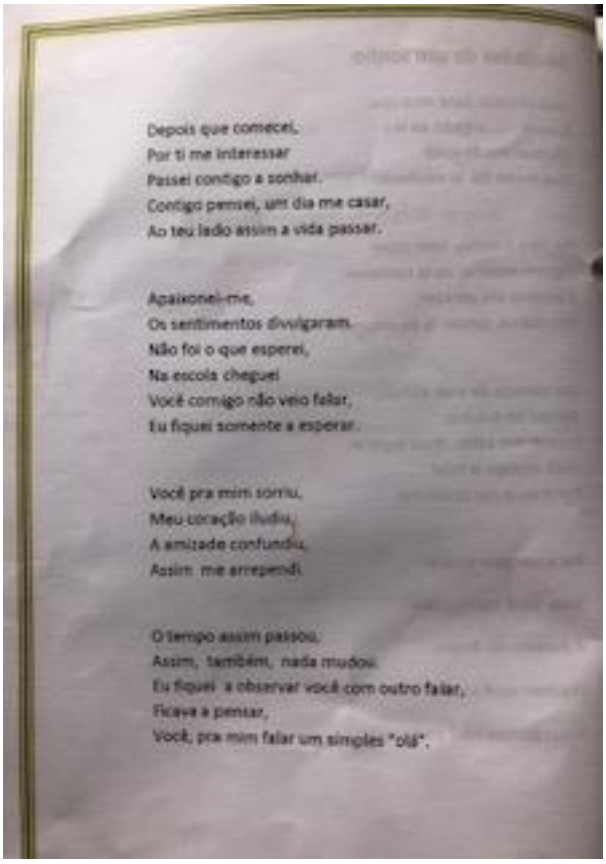
Foi assim sem pensar

Veio você comigo falar

A palavra me dirigiu

Pra mim você sorriu,

Meu caderno você pediu.

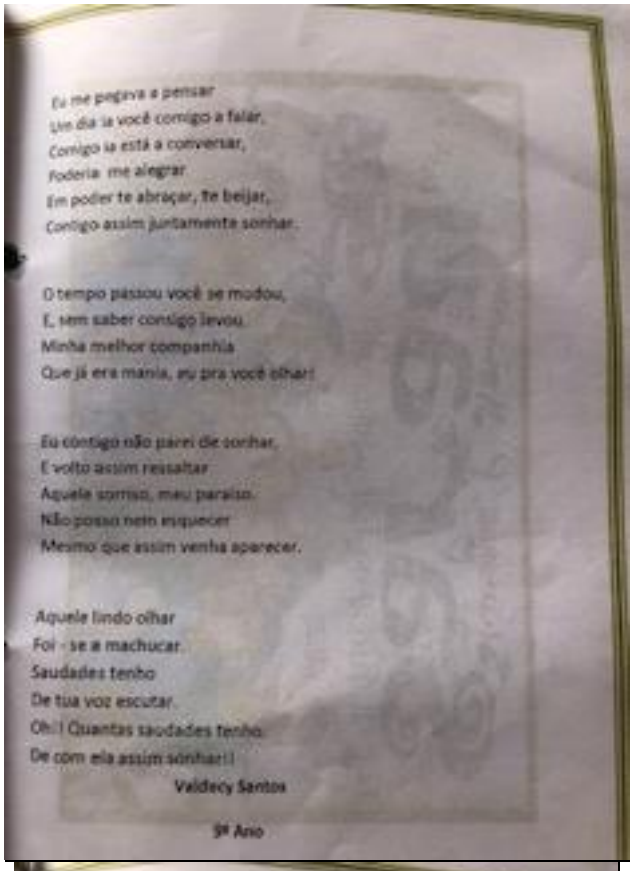


Depois que comecei,
Por ti me interessar
Passei contigo a sonhar.
Contigo pensei, um dia me casar,
Ao teu lado assim a vida passar.

Apaixonei-me,
Os sentimentos divulgaram.
Não foi o que esperei,
Na escola cheguei
Você comigo não veio falar,
Eu fiquei somente a esperar.

Você pra mim sorriu,
Meu coração iludiu,
A amizade confundiu,
Assim me arrependi.

O tempo assim passou,
Assim, também, nada mudou.
Eu fiquei a observar você com outro falar,
Ficava a pensar,
Você, pra mim falar um simples "olá".



Eu me pegava a pensar
Um dia ia você comigo a falar,
Comigo ia está a conversar,
Poderia me alegrar
Em poder te abraçar, te beijar,
Contigo assim juntamente sonhar.

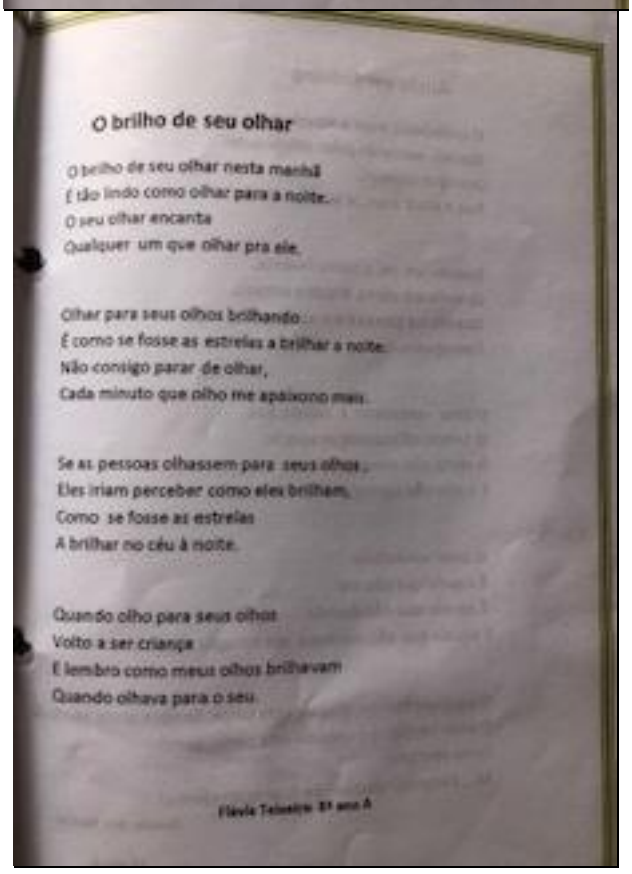
O tempo passou você se mudou,
E, sem saber contigo levou
Minha melhor companhia
Que já era mania, eu pra você olhar!

Eu contigo não parei de sonhar,
E volto assim ressaltar
Aquele sorriso, meu paraíso.
Não posso nem esquecer
Mesmo que assim venha aparecer.

Aquele lindo olhar
Foi - se a machucar.
Saudades tenho
De tua voz escutar.
Oh! ! Quantas saudades tenho
De com ela assim sonhar! !

Valdecy Santos

9º Ano



O brilho de seu olhar

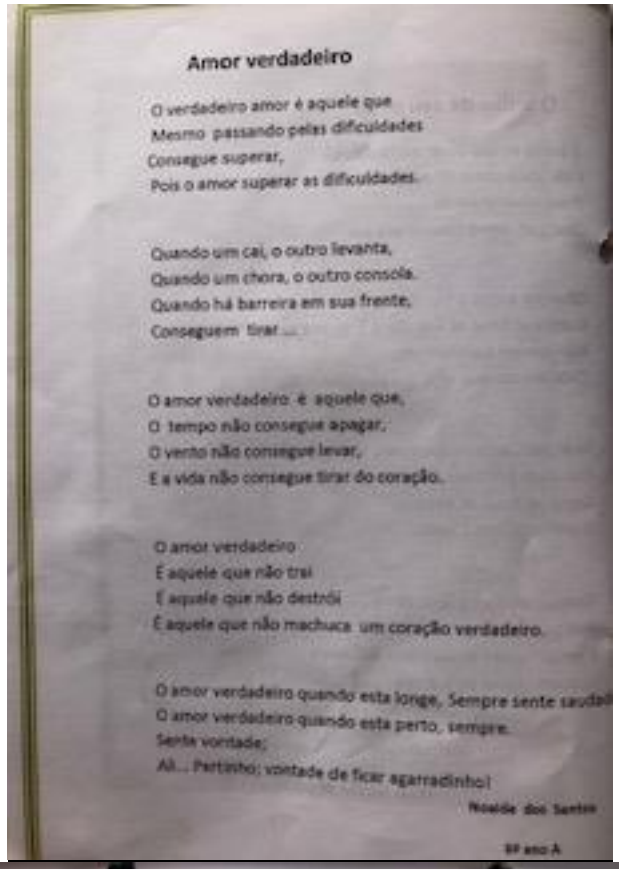
O brilho de seu olhar nesta manhã
É tão lindo como olhar para a noite.
O seu olhar encanta
Qualquer um que olhar pra ele.

Olhar para seus olhos brilhando
É como se fosse as estrelas a brilhar a noite.
Não consigo parar de olhar,
Cada minuto que olho me apaixono mais.

Se as pessoas olhassem para seus olhos,
Eles iriam perceber como eles brilham,
Como se fosse as estrelas
A brilhar no céu à noite.

Quando olho para seus olhos
Volto a ser criança
E lembro como meus olhos brilhavam
Quando olhava para o seu.

Flávia Teixeira 8º ano A



Amor verdadeiro

O verdadeiro amor é aquele que
Mesmo passando pelas dificuldades
Consegue superar,
Pois o amor superar as dificuldades.

Quando um cai, o outro levanta,
Quando um chora, o outro consola.
Quando há barreira em sua frente,
Conseguem tirar ...

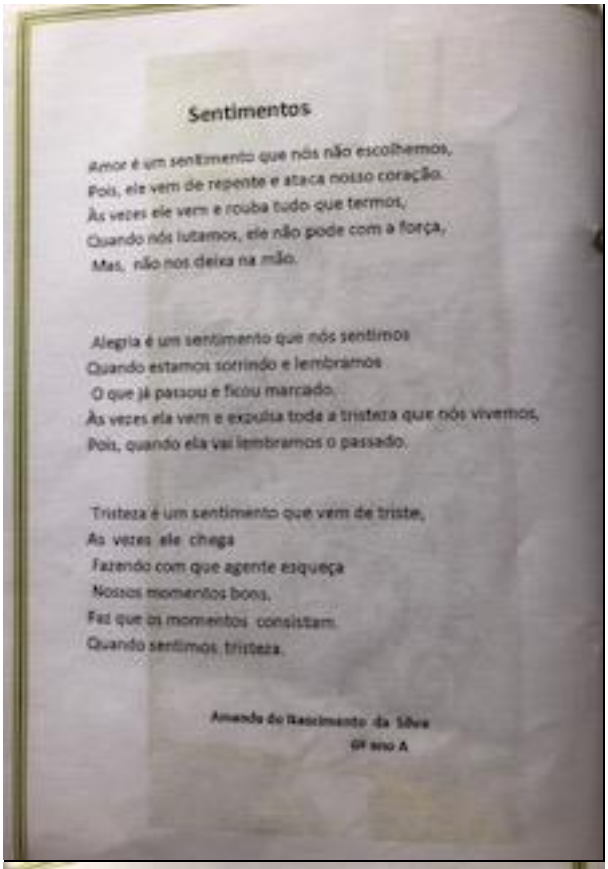
O amor verdadeiro é aquele que,
O tempo não consegue apagar,
O vento não consegue levar,
E a vida não consegue tirar do coração.

O amor verdadeiro
É aquele que não trai
É aquele que não destrói
É aquele que não machuca um coração verdadeiro.

O amor verdadeiro quando esta longe, Sempre sente saudad
O amor verdadeiro quando esta perto, sempre.
Sente vontade;
Ai... Pertinho; vontade de ficar agarradinho!

Nivalde dos Santos

8º ano A



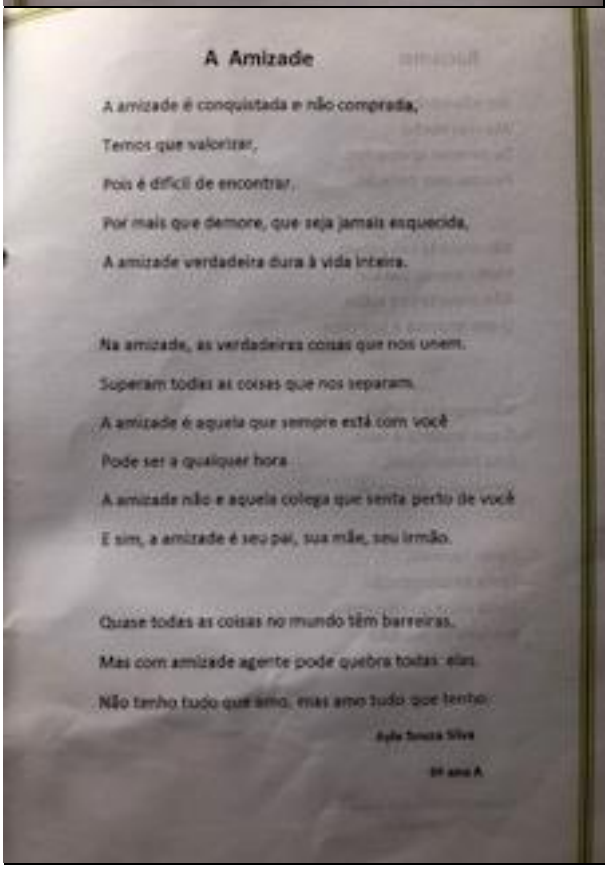
Sentimentos

Amor é um sentimento que nós não escolhemos,
Pois, ele vem de repente e ataca nosso coração.
Às vezes ele vem e rouba tudo que temos,
Quando nós lutamos, ele não pode com a força,
Mas, não nos deixa na mão.

Alegria é um sentimento que nós sentimos
Quando estamos sorrindo e lembramos
O que já passou e ficou marcado.
Às vezes ela vem e expulsa toda a tristeza que nós vivemos,
Pois, quando ela vai lembramos o passado.

Tristeza é um sentimento que vem de triste,
As vezes ele chega
Fazendo com que agente esqueça
Nossos momentos bons,
Faz que os momentos consistam
Quando sentimos tristeza.

Amanda do Nascimento da Silva
6º ano A



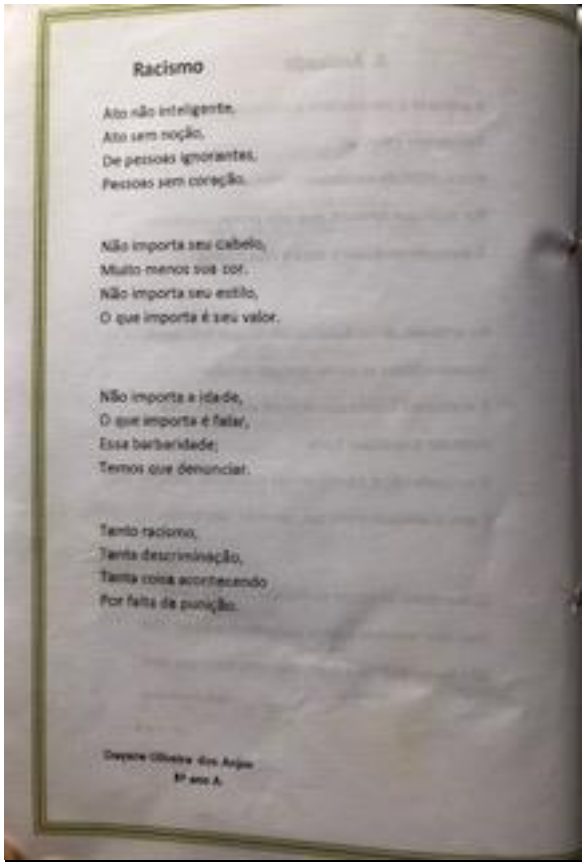
A Amizade

A amizade é conquistada e não comprada,
Temos que valorizar,
Pois é difícil de encontrar.
Por mais que demore, que seja jamais esquecida,
A amizade verdadeira dura à vida inteira.

Na amizade, as verdadeiras coisas que nos unem.
Superam todas as coisas que nos separam.
A amizade é aquela que sempre está com você
Pode ser a qualquer hora
A amizade não e aquela colega que senta perto de você
E sim, a amizade é seu pai, sua mãe, seu irmão.

Quase todas as coisas no mundo têm barreiras.
Mas com amizade agente pode quebra todas elas.
Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.

Ayla Souza Silva
6º ano A



Racismo

Ato não inteligente,
Ato sem noção,
De pessoas ignorantes,
Pessoas sem coreção.

Não importa seu cabelo,
Muito menos sua cor,
Não importa seu estilo,
O que importa é seu valor.

Não importa a idade,
O que importa é falar,
Essa barbaridade,
Temos que denunciar.

Tanto racismo,
Tanta discriminação,
Tanta coisa acontecendo
Por falta de punição.

Daysiane Oliveira dos Anjos
8º ano A